

Friedrich Engels

A SITUAÇÃO DA CLASSE
TRABALHADORA NA INGLATERRA

segundo as observações
do autor e fontes autênticas

Tradução
B. A. Schumann

Supervisão, apresentação e notas
José Paulo Netto



BOITEMPO
EDITORIAL

Copyright da tradução © Boitempo Editorial, 2007, 2010
Traduzido do original alemão: *Die Lage der Arbeitenden Klasse
in England*. Leipzig, Otto Wigand Verlag, 1845.

Coordenação
Ivana Jinkings

Supervisão, apresentação e notas
José Paulo Netto

Editores
Ana Paula Castellani e João Alexandre Peschanski

Assistência editorial
Ana Lotufo, Mariana Tavares
e Vivian Miwa Matsushita

Tradução
B. A. Schumann

Revisão
Edison Urbano e Mariana Echalar

Editoração eletrônica
aeroestúdio

Capa
Antonio Kehl
sobre desenho de Loredano

Produção gráfica
Livia Campos

Impressão e acabamento
Sumago Gráfica Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

E48s
Engels, Friedrich, 1820-1895
A situação da classe trabalhadora na Inglaterra / Friedrich Engels ; tradução B. A. Schumann ;
supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. - São Paulo : Boitempo, 2010.
388p. : il. - (Mundo do trabalho ; Coleção Marx-Engels)

Tradução de: *Die Lage der Arbeitenden Klasse in England*
"Segundo as observações do autor e fontes autênticas"
Anexos
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-7559-104-8

I. Trabalhadores - Inglaterra. 2. Grã-Bretanha - Condições econômicas - 1760-1860. I. Título. II. Série.

10-2526. CDD: 331.0942
CDU: 331(420)(09)

É vedada a reprodução de qualquer parte
deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do novo acordo ortográfico,
com exceção das citações, cuja grafia original foi mantida

1ª edição: março de 2008, 1ª edição revista: julho de 2010
1ª reimpressão: março de 2013; 2ª reimpressão: maio de 2015

BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869

editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br
www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo
www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/imprensaboitempo

SUMÁRIO

Nota da editora.....	7
Apresentação	9
ÀS CLASSES TRABALHADORAS DA GRÃ-BRETANHA	37
Prefácio	41
Introdução.....	45
O proletariado industrial.....	63
As grandes cidades.....	67
A concorrência	117
A imigração irlandesa.....	131
Resultados.....	135
Os diferentes ramos da indústria: os operários fabris em sentido estrito.....	173
Os outros ramos da indústria.....	223
Os movimentos operários.....	247
O proletariado mineiro	275
O proletariado agrícola	293
A atitude da burguesia em face do proletariado.....	307
ANEXOS	
Dados suplementares sobre a situação das classes trabalhadoras na Inglaterra. Uma greve inglesa	331

indústria e especuladores, dos quais um em cada cem enriquece, enquanto os outros 99 fracassam e mais da metade desses 99 só vive de falências.

Mas a imensa maioria dessas cidades é constituída por proletários – e agora examinaremos como vivem e qual a influência que sobre eles exerce a grande cidade.

AS GRANDES CIDADES

Uma cidade como Londres, onde é possível caminhar horas e horas sem sequer chegar ao princípio do fim, sem encontrar o menor sinal que faça supor a vizinhança do campo, é verdadeiramente um caso singular.

Essa imensa concentração, essa aglomeração de 2,5 milhões de seres humanos *num só* local, centuplicou o poder desses 2,5 milhões: elevou Londres à condição de capital comercial do mundo, criou docas gigantescas, reuniu milhares de navios, que cobrem continuamente o Tâmis. Não conheço nada mais imponente que a vista oferecida pelo Tâmis, quando se sobe o rio, do mar até a ponte de Londres. A massa constituída pelo casario, os estaleiros em ambos os lados, sobretudo acima de Woolwich, os incontáveis navios dispostos ao longo das duas margens, apertando-se sempre mais uns contra os outros a ponto de só deixarem livre uma estreita passagem no meio do rio, na qual se cruzam velozmente centenas de barcos a vapor – tudo isso é tão extraordinário, tão formidável, que nos sentimos atordoados com a grandeza da Inglaterra antes mesmo de pisar no solo inglês¹.

Mas os sacrifícios que tudo isso custou, nós só os descobrimos mais tarde. Depois de pisarmos, por uns quantos dias, as pedras das ruas principais, depois de passar a custo pela multidão, entre as filas intermináveis de veículos e carroças, depois de visitar os “bairros de má fama” desta metrópole – só então começamos a notar que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua condição de homens para realizar todos esses milagres da civilização de que é pródiga a cidade, só então começamos a notar que mil forças neles latentes permaneceram inativas e foram asfixiadas para que só

¹ Essa era a visão oferecida há quase cinquenta anos, no tempo dos pitorescos barcos à vela. Hoje, os veleiros jazem nas docas e o Tâmis está coberto de barcos a vapor, horrendos e fuliginosos. [Nota de Engels à edição inglesa de 1892. (N.E.)]

algumas pudessem desenvolver-se mais e multiplicar-se mediante a união com as de outros. Até mesmo a multidão que se movimenta pelas ruas tem qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana. Esses milhares de indivíduos, de todos os lugares e de todas as classes, que se apressam e se empurram, não serão *todos eles* seres humanos com as mesmas qualidades e capacidades e com o mesmo desejo de serem felizes? E não deverão *todos eles*, enfim, procurar a felicidade pelos mesmos caminhos e com os mesmos meios? Entretanto, essas pessoas se cruzam como se nada tivessem em comum, como se nada tivessem a realizar uma com a outra e entre elas só existe o tácito acordo pelo qual cada uma só utiliza uma parte do passeio para que as duas correntes da multidão que caminham em direções opostas não impeçam seu movimento mútuo – e ninguém pensa em conceder ao outro sequer um olhar. Essa indiferença brutal, esse insensível isolamento de cada um no terreno de seu interesse pessoal é tanto mais repugnante e chocante quanto maior é o número desses indivíduos confinados nesse espaço limitado; e mesmo que saibamos que esse isolamento do indivíduo, esse mesquinho egoísmo, constitui em toda a parte o princípio fundamental da nossa sociedade moderna, em lugar nenhum ele se manifesta de modo tão impudente e claro como na confusão da grande cidade. A desagregação da humanidade em mônadas, cada qual com um princípio de vida particular e com um objetivo igualmente particular, essa atomização do mundo, é aqui levada às suas extremas conseqüências.

É por isso que a guerra social, a guerra de todos contra todos, é aqui explicitamente declarada. Tal como o amigo Stirner⁸, os homens só se consideram reciprocamente como objetos utilizáveis: cada um explora o outro e o resultado é que o mais forte pisa no mais fraco e os poucos fortes, isto é, os capitalistas, se apropriam de *tudo*, enquanto aos muitos fracos, aos pobres, mal lhes resta apenas a vida.

O que é verdadeiro para Londres também é para Manchester, Birmingham e Leeds – é verdadeiro para todas as grandes cidades. Em todas as partes, indiferença bárbara e grosseiro egoísmo de um lado e, de outro, miséria indescritível; em todas as partes, a guerra social: a casa de cada um em estado de sítio; por todos os lados, pilhagem recíproca sob a proteção da lei;

⁸ Engels refere-se a Max Stirner, pseudônimo de Johann Kaspar Schmidt (1806-1856), filósofo alemão, ideólogo do individualismo burguês e do anarquismo, cuja obra mais famosa é de 1845: *O único e sua propriedade*. Stirner foi objeto da crítica de Marx e de Engels no primeiro texto que escreveram em conjunto, *A sagrada família ou a crítica da Crítica crítica* (São Paulo, Boitempo, 2003, original de 1845).

e tudo isso tão despudorada e abertamente que ficamos assombrados diante das conseqüências das nossas condições sociais, aqui apresentadas sem véus, e permanecemos espantados com o fato de este mundo enlouquecido ainda continuar funcionando.

Na escala em que, nessa guerra social, as armas de combate são o capital, a propriedade direta ou indireta dos meios de subsistência e dos meios de produção, é óbvio que todos os ônus de uma tal situação recaem sobre o pobre. Ninguém se preocupa com ele: lançado nesse turbilhão caótico, ele deve sobreviver como puder. Se tem a sorte de encontrar trabalho, isto é, se a burguesia lhe faz o favor de enriquecer à sua custa, espera-o um salário apenas suficiente para o manter vivo; se não encontrar trabalho e não temer a polícia, pode roubar; pode ainda morrer de fome, caso em que a polícia tomará cuidado para que a morte seja silenciosa para não chocar a burguesia.

Durante o período em que permaneci na Inglaterra, a causa direta da morte de vinte ou trinta pessoas foi a fome, em circunstâncias as mais revoltantes; mas, quando dos inqueritos⁹, raramente se encontrou um júri que tivesse a coragem de atestá-lo em público. Os depoimentos das testemunhas podiam ser os mais claros e inequívocos, mas a burguesia – à que pertenciam os membros do júri – encontrava sempre um pretexto para escapar ao terrível veredicto: morte por fome. Nesses casos, a burguesia não *deve* dizer a verdade: pronunciá-la equivaleria a condenar a si mesma. Muito mais numerosas foram as mortes causadas indiretamente pela fome, porque a sistemática falta de alimentação provoca doenças mortais: as vítimas viam-se tão enfraquecidas que enfermidades que, em outras circunstâncias, poderiam evoluir favoravelmente, nesses casos determinaram a gravidade que levou à morte. A isso chamam os operários ingleses de *assassinato social* e acusam nossa sociedade de praticá-lo continuamente. Estarão errados?

Morrem de fome, é certo, indivíduos isolados, mas que segurança tem o operário de que amanhã a mesma sorte não o espera? Quem pode garantir-lhe que não perderá o emprego? Quem lhe assegura que amanhã, quando o patrão – com ou sem motivos – o puser na rua, poderá aguentar-se, a si e à sua família, até encontrar outro que “lhe dê o pão”? Quem garante ao operário que, para arranjar emprego, lhe basta boa vontade para trabalhar, que a honestidade, a diligência, a parcimônia e todas as outras numerosas virtudes que a ajuizada burguesia lhe recomenda são para ele realmente o

⁹ Na época, diante de qualquer morte violenta ou suspeita, o *coroner* (oficial de polícia) examinava o cadáver e, assistido por um júri, procedia a um inquerito.

caminho da felicidade? Ninguém. O operário sabe que, se hoje possui alguma coisa, não depende dele conservá-la amanhã; sabe que o menor suspiro, o mais simples capricho do patrão, qualquer conjuntura comercial desfavorável podem lançá-lo no turbilhão do qual momentaneamente escapou e no qual é difícil, quase impossível, manter-se à tona. Sabe que se hoje tem meios para sobreviver, pode não os ter amanhã.

Mas passemos agora a um exame mais detalhado das condições que a guerra social impõe à classe que nada possui. Vejamos que salário, sob a forma de habitação, vestuário e alimentação, a sociedade paga de fato ao operário por seu trabalho; vejamos que existência assegura àqueles que mais contribuem para sua existência – e observemos primeiro a habitação.

Todas as grandes cidades têm um ou vários “bairros de má fama” onde se concentra a classe operária. É certo ser frequente a miséria abrigar-se em vielas escondidas, embora próximas aos palácios dos ricos; mas, em geral, é-lhe designada uma área à parte, na qual, longe do olhar das classes mais afortunadas, deve safar-se, bem ou mal, sozinha. Na Inglaterra, esses “bairros de má fama” se estruturam mais ou menos da mesma forma que em todas as cidades: as piores casas na parte mais feia da cidade; quase sempre, uma longa fila de construções de tijolos, de um ou dois andares, eventualmente com porões habitados e em geral dispostas de maneira irregular. Essas pequenas casas de três ou quatro cômodos e cozinha chamam-se *cottages* e normalmente constituem em toda a Inglaterra, exceto em alguns bairros de Londres, a habitação da classe operária. Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias – onde, ademais, quando faz bom tempo, as ruas servem aos varais que, estendidos de uma casa a outra, são usados para secar a roupa.

Examinemos alguns desses bairros miseráveis. Primeiramente, Londres² e, em Londres, o famigerado *ninho dos corvos* (*rookery*), St. Giles, que deve-

² Já havia redigido a exposição que se segue quando me caiu nas mãos um artigo sobre os bairros operários de Londres, intitulado “The Dwellings of the Poor, from notebook of a M. D.” [As habitações dos pobres, segundo o caderno de notas de um médico], publicado no *Illuminated Magazine* de outubro de 1844 – artigo que confirma minha exposição em muitos pontos quase literalmente, mas em especial no que toca ao conteúdo.

rá ser destruído pela abertura de vias largas. St. Giles fica no meio da parte mais populosa da cidade, rodeado de ruas amplas e iluminadas por onde circula o “grande mundo” londrino – vizinho imediato de Oxford Street, de Regent Street, de Trafalgar Square e do Strand. É uma massa desordenada de casas de três ou quatro andares, com ruas estreitas, tortuosas e sujas, onde reina uma agitação tão intensa como aquela que se registra nas principais ruas da cidade – com a diferença de que, em St. Giles, vê-se unicamente pessoas da classe operária. Os mercados são as próprias ruas: cestos de legumes e frutas, todos naturalmente de péssima qualidade e dificilmente comestíveis, complicam o trânsito dos pedestres e enchem o ar de mau cheiro, o mesmo que emana dos açougues. As casas são habitadas dos porões aos desvãos, sujas por dentro e por fora e têm um aspecto tal que ninguém desejaria morar nelas. Mas isso não é nada, se comparado às moradias dos becos e vielas transversais, aonde se chega através de passagens cobertas e onde a sujeira e o barulho superam a imaginação: aqui é difícil encontrar um vidro intacto, as paredes estão em ruínas, os batentes das portas e os caixilhos das janelas estão quebrados ou descolados, as portas – quando as há – são velhas pranchas pregadas umas às outras; mas, nesse bairro de ladrões, as portas são inúteis: nada há para roubar^a. Por todas as partes, há montes de detritos e cinzas e as águas servidas, diante das portas, formam charcos nauseabundos. Aqui vivem os mais pobres entre os pobres, os trabalhadores mais mal pagos, todos misturados com ladrões, escroques e vítimas da prostituição. A maior parte deles são irlandeses, ou seus descendentes, e aqueles que ainda não submergiram completamente no turbilhão da degradação moral que os rodeia a cada dia mais se aproximam dela, perdendo a força para resistir aos influxos aviltantes da miséria, da sujeira e do ambiente malsão.

Mas St. Giles não é o único bairro miserável de Londres. Nesse gigantesco labirinto de ruas há milhares de vielas e de becos, cujas casas são demasiado horríveis para qualquer um que ainda possa dispor de uma pequena quantia para pagar uma habitação humana – e muitas vezes esses miseráveis refúgios do pior pauperismo se encontram próximos dos suntuosos palácios dos ricos. Foi assim que recentemente, quando de um inquérito mortuário, uma área junto de Portman Square, uma praça ampla e arejada, recebeu a qualificação de moradia “de uma multidão de irlandeses moralmente degradados pela sujeira e pela pobreza”. Em ruas como

^a Ao longo de todo o livro, Engels – que não está preocupado com determinações categoriais jurídicas – emprega como sinônimos *roubo* e *furto*.

Long Acre e outras, não propriamente espaços de luxo, mas bastante convenientes, incontáveis porões são usados como habitações, dos quais saem à luz do dia silhuetas de crianças doentes e mulheres esfarrapadas, meio mortas de fome. Nas vizinhanças do teatro de Drury Lane – o segundo de Londres – encontram-se algumas das ruas mais degradadas da cidade (Charles Street, King Street e Parker Street), cujas casas são habitadas, dos porões aos desvãos, por famílias paupérrimas. Nas paróquias de St. John e St. Margaret, em Westminster, segundo o *Journal of the Statistical Society*, em 1840, 5.366 famílias de operários viviam em 5.294 “habitações” (se é que a palavra pode ser usada): homens, mulheres e crianças, misturados sem qualquer preocupação com idade ou sexo, num total de 26.830 indivíduos – e três quartos do total dessas famílias dispunham de um só cômodo^a. Na aristocrática paróquia de St. George (Hanover Square), de acordo com a mesma fonte^b, 1.465 famílias de operários, totalizando cerca de 6 mil pessoas, viviam nas mesmas condições – e, delas, mais de dois terços das famílias amontoavam-se num só cômodo. E a esses infelizes, entre os quais nem sequer os ladrões esperam encontrar algo para roubar, as classes proprietárias, por meios legais, como os exploram! Pelos horrorosos alojamentos de Drury Lane, acima referidos, pagam-se os seguintes alugueis semanais: dois cômodos no porão, 3 *shillings* (1 táler); um cômodo no térreo, 4 *shillings*, no primeiro andar, 4,5 *shillings*, no segundo, 4 *shillings*, no sótão, 3 *shillings*. Os famélicos habitantes da Charles Street pagam aos proprietários dos imóveis um aluguel anual de 2 mil libras esterlinas (14 mil táleres) e aquelas 5.336 famílias de Westminster, um total de 40 mil libras esterlinas (270 mil táleres).

^a Os dados oferecidos pela fonte citada por Engels são outros: o “Report of a Committee of the Statistical Society of London, on the State of the Working Classes in the Parishes of St. Margaret and St. John, Westminster” [Relatório de um Comitê da Sociedade de Estatística de Londres sobre as condições das classes trabalhadoras nas paróquias de St. Margaret e St. John, em Westminster], publicado no *Journal of the Statistical Society of London*, 1840, v. III, p. 17-8, aponta um total de 16.176 indivíduos; tudo indica que a cifra mencionada por Engels foi extraída do *Northern Star*, n. 338, de 4 de maio de 1844. Esse jornal, semanário fundado em Leeds, em 1838, por Fergus Edward O’Connor (cf. índice onomástico, p. 366), foi o principal órgão do movimento cartista; depois de 1844, passou a ser editado em Londres, dirigido por George Julian Harney (1817-1897), e circulou até 1852. Desde o início de sua estada na Inglaterra, Engels manteve uma relação estreita com o periódico: já em dezembro de 1843 escreve nele – mas sua colaboração sistemática principia em maio de 1844 e se prolonga até 1848 (com um hiato, entre agosto de 1844 e agosto de 1845).

^b Para esse novo dado, Engels se socorre do mesmo periódico (*Journal of the Statistical Society of London*), porém de seu volume VI, 1843, recorrendo a um artigo de C. R. Weld.

Mas a maior zona operária situa-se a leste da Torre de Londres, em Whitechapel e Bethnal Green, onde se concentra a grande massa de operários da cidade. Ouçamos o que diz o senhor G. Alston, pastor de St. Philip, Bethnal Green, acerca das condições de sua paróquia:

A paróquia envolve 1.400 casas, habitadas por 2.795 famílias, ou seja, quase 12 mil pessoas. O espaço em que vive essa grande massa mede menos de 400 jardas quadradas (1.200 pés) e, num tal amontoamento, não é raro encontrar-se um homem, sua mulher, 4 ou 5 filhos e, às vezes, também o avô e a avó, num só cômodo de 10 ou 12 pés quadrados, onde trabalham, comem e dormem. Creio que, antes do bispo de Londres ter chamado a atenção do público para essa paróquia tão miserável, a gente do West End a conhecia tal como conhece os selvagens australianos ou as ilhas dos mares do sul. Se quisermos conhecer, por observação direta, os sofrimentos desses infelizes, ao examinar sua parca alimentação e ao vê-los submetidos às doenças e ao desemprego, descobriremos um abandono e uma miséria tais que uma nação como a nossa deveria envergonhar-se de sua existência. Fui pastor em Huddersfield nos três anos em que as fábricas estiveram em crise, mas nunca vi algo como o inteiro abandono dos pobres de Bethnal Green. Não há *um único* pai de família em cada dez, em toda a vizinhança, que tenha outras roupas além de sua roupa de trabalho, e esta rota e esfarrapada; muitos só têm à noite, como cobertas, esses mesmos farrapos e, por cama, um saco de palha e serragem.^a

Essa descrição já nos sugere como devem ser tais habitações. Tratemos de seguir as autoridades inglesas que, vez por outra, entram em algumas casas proletárias.

Por ocasião de uma necropsopia, realizada em 14 de novembro de 1843 pelo senhor Carter, *coroner* do Surrey, no cadáver de Ann Galway, mulher de 45 anos, os jornais^b descreveram a casa da falecida nos seguintes termos: morava no nº 3 de White Lion Court, Bermondsey Street, Londres, com o marido e o filho de dezenove anos, em um pequeno quarto onde não havia cama ou qualquer outro móvel. Jazia morta ao lado do filho, sobre um monte de penas, espalhadas sobre o corpo quase nu, porque não havia lençóis ou cobertores. As penas estavam de tal modo aderidas à sua pele que o médico só pôde observar o cadáver depois que o lavaram – e encontrou-o descarnado e todo marcado por picadas de insetos. Parte do piso do quarto estava escavado e esse buraco servia de latrina à família.

^a O relato do pastor G. Alston, anteriormente publicado no *The Weekly Dispatch*, foi divulgado pelo *Northern Star*, n. 338, de 4 de maio de 1844.

^b *The Times*, 17 de novembro de 1843; *Northern Star*, n. 315, 25 de novembro de 1843.

Numa quinta-feira, 15 de janeiro de 1844, dois meninos foram levados ao tribunal correcional de Worship Street porque, famintos, haviam roubado numa loja um pedaço de carne bovina meio cozida, que devoraram imediatamente^a. O juiz sentiu-se no dever de recolher mais informações e recebeu dos policiais os seguintes esclarecimentos: viúva de um antigo soldado, que depois servira à polícia, a mãe dos meninos, após a morte do marido, vivia na miséria com seus nove filhos. Morava em Pool's Place, no nº 2 da Quaker Street (Spitalfields), na maior pobreza: quando a polícia chegou ao lugar, encontrou-a com seis dos filhos literalmente empilhados num pequeno quarto dos fundos da casa, tendo como suas apenas duas cadeiras de vime sem assento, uma mesinha com os pés quebrados, uma xícara partida e um pequeno prato. Não tinha praticamente como fazer fogo, a cama de toda a família era uns poucos trapos e os cobertores eram suas próprias roupas em farrapos. A pobre mulher contou que, no ano anterior, vendera a cama para comprar comida; os lençóis, deixara-os empenhados na mercearia – em suma, entregara tudo em troca de pão. O juiz fez com que se concedesse a essa mulher um significativo subsídio da Caixa dos Pobres.

Em fevereiro de 1844, Theresa Bishop, uma viúva de 60 anos, juntamente com a filha enferma de 26 anos, foi recomendada à beneficência do juiz de Marlborough Street^b. Morava no nº 5 de Brown Street, Grosvenor Square, num pequeno quarto de um pátio, não maior que um armário, e no qual não havia sequer um móvel. Num canto, os poucos trapos sobre os quais dormiam; um caixote servia, ao mesmo tempo, de mesa e de cadeira. A mãe ganhava uns tostões fazendo limpezas; segundo o proprietário, viviam assim desde maio de 1843; tinham vendido aos poucos o que possuíam, mas nunca conseguiram pagar o aluguel. O juiz determinou à Caixa dos Pobres que desse a essa mulher uma pensão de uma libra.

É óbvio que não pretendo afirmar que *todos* os operários de Londres vivem na mesma miséria dessas três famílias; sei muito bem que, para cada homem que é impiedosamente esmagado pela sociedade, há muitos que vivem melhor. Mas afirmo que milhares de famílias honestas e laboriosas – muito mais honestas e estimáveis que todos os ricos de Londres – encontram-se em condições indignas de seres humanos e que todo proletário, sem

^a Idem, 16 de janeiro de 1844.

^b Idem, 12 de fevereiro de 1844.

qualquer exceção, sem que a culpa seja sua e apesar de todos os seus esforços, pode ter o mesmo destino.

No fim das contas, porém, os que dispõem de todo modo de um teto são mais felizes que aqueles que não o têm: todas as manhãs, em Londres, 50 mil pessoas acordam sem a menor ideia de onde repousarão a cabeça na noite seguinte. Dessas 50 mil pessoas, afortunadas são aquelas que conseguem 1 ou 2 *pence* para pagar um abrigo nos albergues noturnos (*lodging-houses*) que, numerosos, existem em todas as grandes cidades. Mas que abrigo! Os alojamentos estão cheios de camas, de alto a baixo: num quarto, quatro, cinco e seis camas, quantas caibam e, em cada cama, empilham-se quatro, cinco e seis pessoas, também quantas caibam, – sadias e doentes, velhos e jovens, homens e mulheres, sóbrios e bêbados, todos misturados. Naturalmente, discutem, agredem-se, ferem-se e, se chegam a algum acordo, pior ainda: planejam roubos e entregam-se a práticas cuja bestialidade nossa língua humanizada se recusa a descrever. E quanto àqueles que nem esse tipo de alojamento podem pagar? Pois bem: dormem em qualquer lugar, nas esquinas, sob uma arcada, num canto qualquer onde a polícia ou os proprietários os deixem descansar tranquilos; alguns se acomodam em asilos construídos aqui e acolá pela beneficência privada, outros nos bancos dos jardins, quase sob as janelas da rainha Vitória. Vejamos o que diz o *Times*^a de 12 de outubro de 1843:

Nossa seção policial publicada ontem indica que dormem nos jardins, todas as noites, cerca de cinquenta pessoas, sem outra proteção contra as intempéries que árvores e tocas escavadas em muros. Em sua maioria, são moças que, seduzidas por soldados, vieram do campo e, abandonadas neste vasto mundo à degradação de uma miséria sem esperança, tornaram-se vítimas inconscientes e precoces do vício.

Na realidade, isso é assustador. Os pobres estão em toda parte. Por toda parte, a indigência avança e insere-se, com toda a sua monstruosidade, no coração de uma grande e florescente cidade. Nos milhares de becos e vielas de uma populosa metrópole sempre haverá – dói dizê-lo – muita miséria que fere o olhar e muita que nunca será vista.

Mas é assustador que, no próprio recinto da riqueza, da alegria e da elegância, junto à grandeza real de St. James, nas proximidades do esplêndido palácio de Bayswater, onde se encontram o velho e o novo bairros aristocráticos, numa área da cidade onde o requinte da arquitetura moderna prudentemente impediu que se construísse qualquer moradia para a pobreza,

^a *The Times*, o principal diário inglês conservador, foi fundado em Londres em 1º de janeiro de 1785, por J. Walter, com o título *Daily Universal Register*; a denominação atual foi assumida três anos mais tarde.

numa área que parece consagrada ao desfrute da riqueza, é assustador que *exatamente* aí venham instalar-se a fome e a miséria, a doença e o vício, com todo o seu cortejo de horrores, destruindo um corpo atrás de outro, uma alma atrás de outra!

É uma situação verdadeiramente monstruosa. O máximo prazer proporcionado pela saúde física, a atividade intelectual, as mais inocentes alegrias dos sentidos lado a lado com a miséria mais cruel! A riqueza que, do alto de seus salões luxuosos, gargalha indiferente diante das obscuras feridas da indignância! A alegria que inconsciente, mas cruelmente, zomba do sofrimento que geme ali embaixo! Todos os contrastes em luta, tudo em oposição, exceto o vício que conduz à tentação e aqueles que se deixam tentar... Que todos reflitam: na área mais luxuosa da cidade mais rica do mundo, noite a noite, inverno a inverno, vivem mulheres, jovens em idade e envelhecidas pelos pecados e pelo sofrimento, expulsas da sociedade, atoladas na fome, na doença e na sujeira. Que todos reflitam e compreendam, não para construir teorias, mas para agir. Sabe Deus que atualmente há muito que fazer ali!

Já mencionei os albergues para os desabrigados – a que ponto estão lotados, mostram-no dois exemplos. Um *Refuge of the houseless* [Refúgio para desabrigados], recentemente construído na Upper Ogle Street e que pode abrigar trezentas pessoas por noite, acolheu, de sua abertura em 27 de janeiro até 17 de março de 1844, por uma noite ou mais, 2.740 pessoas – e, embora o tempo se tornasse menos inclemente, o número dos que demandam hospitalidade aumentou consideravelmente aí, tanto como nos albergues da Whitecross Street e de Wapping, e todas as noites uma multidão de desabrigados não podia ser atendida por falta de espaço. Um outro, o albergue central de Playhouse Yard, que dispõe de 460 camas, abrigou nos três primeiros meses de 1844 um total de 6.681 pessoas, distribuindo 96.141 rações de pão. Contudo, seu comitê diretor declarou que o estabelecimento só se mostrou de algum modo suficiente em relação à demanda quando foi aberto um outro albergue na região leste^a.

Por agora, deixemos Londres e percorramos outras grandes cidades do Reino Unido. Vejamos primeiro Dublin, cujo acesso pelo mar é tão encantador quanto é imponente o de Londres – a baía de Dublin é a mais bela das ilhas britânicas e os irlandeses gostam de compará-la à de Nápoles. A própria cidade tem muitas belezas^b e seus bairros aristocráticos foram mais bem construídos e com mais bom gosto que os de qualquer outra

^a *The Times*, 22 de dezembro de 1843; *Northern Star*, n. 320, 30 de dezembro de 1843.

^b Na edição de 1892, Engels emprega o singular: “A própria cidade é muito bela...”.

cidade britânica. Em compensação, os bairros pobres de Dublin são o que de mais horrendo e repugnante existe no mundo. É verdade que, para isso, conta o caráter dos irlandeses que, em determinadas circunstâncias, sentem-se à vontade na sujeira; mas como encontramos em todas as grandes cidades da Inglaterra e da Escócia milhares de irlandeses e como toda a população pobre acaba necessariamente por sucumbir na mesma sordidez, é evidente que a miséria em Dublin nada tem de específica, não é característica somente da cidade irlandesa – é, de fato, comum a todas as grandes cidades do mundo.

Os bairros pobres de Dublin são enormes e a sujeira, a inabitabilidade das casas e o mau estado das ruas vão além da imaginação. Pode-se fazer uma ideia de como se amontoam os pobres quando se recorda que, em 1817, de acordo com o relatório dos inspetores das *Casas de Trabalho*³, em 52 casas, com 390 quartos, da Barrack Street, viviam 1.318 pessoas e em 71 casas, com 393 quartos, na Church Street e arredores, viviam outras 1.997 e que

nesse bairro e no vizinho há incontáveis becos e pátios tomados por um miasma nauseabundo (*foul*), que muitos porões só recebem a luz do dia através da porta e que em vários deles os habitantes dormem no chão, mesmo que boa parte deles tenha as armações das camas. Em Michelson's Court, por exemplo, em 28 miseráveis e pequenos quartos, há 151 pessoas vivendo em tal pobreza que só se contam duas camas e dois cobertores.

A miséria é tão grande em Dublin que a única instituição beneficente, a *Mendicity Association* [Associação de assistência aos mendigos], atende diariamente 2.500 pessoas, isto é, 1% da população total, alimentando-as durante o dia e despachando-as à noite.

Tal como o refere o doutor Alison, o panorama não é outro em Edimburgo, cidade cuja esplêndida localização lhe valeu o nome de *Atenas moderna* e cujo luxuoso bairro aristocrático, situado na parte nova da cidade, contrasta brutalmente com a fétida miséria dos bairros pobres, situados na zona velha. Alison afirma que essa vasta área é tão suja e repugnante quanto as piores de Dublin e que, em Edimburgo, a *Mendicity Association* teria a socorrer uma proporção de pobres tão grande como na capital irlandesa; ele chega a dizer que na Escócia, especialmente em Edimburgo e Glasgow, os pobres vivem em

³ Citado pelo doutor W. P. Alison, professor e presidente do *Royal College of Physicians*, em *Observations on the Management of the Poor in Scotland and its Effects on the Health of Great Towns* [Observações sobre a administração dos pobres na Escócia e seus efeitos sobre a higiene das grandes cidades], Edimburgo, 1840. O autor é um homem religioso, conservador, irmão do historiador Archibald Alison.

condições piores que em qualquer outra região do Império Britânico e que os mais miseráveis não são os irlandeses, mas os escoceses. O doutor Lee, pastor da *old church* [igreja velha] de Edimburgo, declarou perante a *Commission of Religious Instruction* [Comissão de instrução religiosa], em 1836:

Até hoje, nunca em minha vida vi tanta miséria como a que existe em minha paróquia. As pessoas não têm móveis, não têm nada; é comum que dois casais vivam num mesmo quarto. Num só dia, visitei sete casas onde não havia camas – em algumas, nem palha havia; octogenários dormiam no chão, quase todos conservavam à noite as roupas usadas durante o dia. Num porão, encontrei duas famílias vindas do campo; pouco tempo depois de sua chegada à cidade, morriam duas crianças e uma terceira agonizava quando da minha visita; para cada família, havia um monte de palha suja num canto e, ainda por cima, o porão, tão escuro que não permitia distinguir-se um ser humano em pleno dia, servia de estábulo a um burro. Mesmo um coração de pedra sangraria diante da miséria de um país como a Escócia.

Fatos análogos são referidos pelo doutor Hennen no *Edinburgh Medical and Surgical Journal* [Jornal de medicina e cirurgia de Edimburgo]^a. E um relatório parlamentar⁴ mostra a sordidez que – como seria de esperar, dadas as condições – reina nas casas dos pobres de Edimburgo. Galinhas transformam as armações das camas em poleiros, cães e até cavalos dormem com as pessoas *nos mesmos quartos* e, em consequência, sujeira, insetos e miasmas enchem os aposentos^b. A estrutura urbana de Edimburgo favorece ao máximo esse vergonhoso estado de coisas. A cidade velha construiu-se sobre as duas vertentes de uma colina, no cimo da qual está a rua Alta (High Street): dela partem, para os dois lados, incontáveis vielas tortuosas – denominadas *wynd*s, por causa de sua sinuosidade – que descem a colina e constituem o bairro proletário. As casas das cidades escocesas são em geral altas, com cinco ou seis andares, como em Paris e – à diferença da Inglaterra, onde, tanto

^a Nas notas preparadas para a edição italiana deste livro de Engels, os editores apontam a ausência, na publicação citada, de qualquer artigo firmado pelo doutor Hennen entre 1836 e 1845. Mas as notas contidas na edição francesa indicam a fonte de Engels naquela publicação: v. 14, de 1818, p. 408-65.

⁴ *Report to the Home Secretary from the Poor-Law Commissioners on Inquiry into the Sanitary Condition of the Labouring Classes of Great Britain. With appendices. Presented to both Houses of Parliament in July 1842* [Relatório de um inquérito dos Comissários para a Lei dos Pobres sobre a situação sanitária das classes trabalhadoras da Grã-Bretanha ao ministro do Interior. Com anexos. Apresentado às duas Câmaras do Parlamento em julho de 1842]. 3 volumes in folio. Reunido e classificado com base em relatórios médicos por Edwin Chadwick, secretário da Comissão da Lei dos Pobres.

^b Na realidade, essa descrição de Engels diz respeito a Tranent, localidade situada a oito milhas de Edimburgo.

quanto possível, cada um tem sua própria casa – são habitadas por muitas famílias; por isso, a concentração de numerosas pessoas num espaço restrito é aqui ainda maior.

Num periódico inglês⁵, em artigo sobre as condições sanitárias dos operários da cidade, lê-se:

Essas ruas são em geral tão estreitas que se pode saltar de uma janela para outra da casa em frente e as edificações têm tantos andares que a luz mal pode penetrar nos pátios ou becos que as separam. Nessa parte da cidade não há esgotos, banheiros públicos ou latrinas nas casas; por isso, imundícies, detritos e excrementos de pelo menos 50 mil pessoas são jogados todas as noites nas valetas, de sorte que, apesar do trabalho de limpeza das ruas, formam-se massas de esterco seco das quais emanam miasmas que, além de horríveis à vista e ao olfato, representam um enorme perigo para a saúde dos moradores. É de espantar que não se encontre aqui nenhum cuidado com a saúde, com os bons costumes e até com as regras elementares da decência? Pelo contrário, todos os que conhecem bem a situação dos habitantes podem testemunhar o ponto atingido pelas doenças, pela miséria e pela degradação moral. Nesses bairros, a sociedade chegou a um nível de pobreza e de aviltamento realmente indescritível. As habitações dos pobres são em geral muito sujas e aparentemente nunca são limpas; a maior parte das casas compõe-se de um só cômodo que, embora mal ventilado, está quase sempre muito frio, por causa da janela ou da porta quebrada; quando fica no subsolo, o cômodo é úmido; freqüentemente, a casa é mal mobiliada e privada do mínimo que a torne habitável: em geral, um monte de palha serve de cama a uma família inteira, ali deitando-se, numa promiscuidade revoltante, homens, mulheres, velhos e crianças. Só há água nas fontes públicas e a dificuldade para buscá-la favorece naturalmente a imundície.

¹ Nas outras grandes cidades portuárias, as coisas não são melhores. Liverpool, apesar de seu comércio, de seu esplendor e de sua riqueza, oferece aos operários a mesma barbárie. Um bom quinto da população – isto é, mais de 45 mil pessoas – mora em pequenos porões, escuros e mal arejados, porões que, na cidade, totalizam 7.862. A eles devem somar-se 2.270 pátios (*courts*)^a, pequenos espaços inteiramente contornados por outras construções, tendo como único acesso uma estreita passagem, em geral coberta e abobadada (o que impede *qualquer* ventilação), freqüentemente muito sujos e habitados quase exclusivamente por proletários. Voltaremos a falar desses pátios quando nos ocuparmos de Manchester. Em outra cidade portuária,

⁵ *The Artizan*, revista mensal, outubro de 1843.

^a Essa palavra inglesa não corresponde exatamente ao português *pátio*, espaço aberto; designa, mais propriamente, espaços cobertos entre duas ou mais edificações, característicos da construção inglesa da época.

Bristol, foram visitadas 2.800 famílias operárias e comprovou-se que 46% delas vivia em um único cômodo^a.

Encontramos o mesmo quadro nas cidades industriais. Em Nottingham há, ao todo, 11 mil habitações, das quais 7 mil ou 8 mil estão de tal modo coladas umas às outras que nenhuma ventilação é possível; ademais, na maioria dos casos, uma só latrina serve a várias moradias. Uma recente inspeção revelou que várias filas de casas estavam construídas sobre canais de esgotos pouco profundos, cobertos apenas pelas tábuas dos assoalhos. Idêntico panorama nos oferecem Leicester, Derby e Sheffield. Quanto a Birmingham, lemos no artigo há pouco citado de *The Artizan*:

Nas partes mais antigas da cidade há muitos bairros sujos e malconservados, cheios de charcos estagnados e montes de imundícies. Em Birmingham, os pátios são muito numerosos, cerca de 2 mil, onde vive a maior parte da classe operária. Em geral, são estreitos, lamacentos, mal arejados e com esgotos precários, alinhando-se entre oito e vinte prédios, e só recebem ar por um lado, já que o muro traseiro é comum a outros edifícios; no fundo de cada pátio, há quase sempre um buraco para cinzas ou qualquer coisa desse gênero e cuja sujeira é indescritível. Deve-se observar, todavia, que os pátios mais modernos foram construídos mais racionalmente e estão mais bem conservados; e mesmo os velhos *cottages* estão menos amontoados que em Manchester e Liverpool – aí está a explicação por que, quando das epidemias, os casos mortais foram menos numerosos em Birmingham que, por exemplo, em Wolverhampton, Dudley e Bilston, distantes umas poucas milhas. Também são desconhecidas em Birmingham as moradias em porões, embora alguns sirvam imprópriamente para oficinas. Os albergues para operários são mais numerosos (mais de quatrocentos), situados principalmente nos pátios do centro da cidade; quase todos muito sujos e mal-cheirosos, refúgios de mendigos, vagabundos [*trampers* – mais adiante, voltaremos ao significado preciso dessa palavra^b], ladrões e prostitutas que, sem se preocuparem minimamente com conforto e decência, aí comem, bebem, fumam e dormem numa atmosfera que só é suportável por esses seres degradados.

Sob muitos aspectos, Glasgow assemelha-se a Edimburgo: os mesmos *wynds*, as mesmas casas altas. A propósito dessa cidade, diz-nos *The Artizan*:

A classe operária representa aqui cerca de 78% da população total (cerca de 300 mil pessoas) e mora em bairros cuja miséria e horror ultrapassa os

^a Engels comete aqui um pequeno erro que não diminui a força de seu argumento: no *Journal of the Statistical Society of London*, 1839-1840, v. 2, p. 457-9, C. B. Fripp menciona 5.981 famílias visitadas, das quais 2.800 (isto é, 46,8%) dispunham de um só cômodo como habitação.

^b Cf. p. 250.

antros mais vis de St. Giles e Whitechapel, os *liberties* de Dublin e os *wynds* de Edimburgo. Muitos desses bairros estão no centro da cidade: ao sul de Trongate, a oeste do mercado do sal, no Calton, ao lado da High Street etc. – labirintos intermináveis de becos e de *wynds* onde desembocam a cada passo pátios e vielas formados por velhas e altíssimas casas, degradadas, mal arejadas e sem água. Essas casas, literalmente, transbordam de moradores: abrigam três ou quatro famílias, talvez vinte pessoas, por andar. Em alguns casos, o andar é alugado como dormitório, de forma que quinze ou vinte pessoas estão amontoadas – não se pode dizer abrigadas – num único quarto. Nesses bairros habitam os membros mais pobres, mais depravados, mais aviltados da população e devem ser considerados o ponto de origem das terríveis epidemias de febre que, partindo daí, disseminam a morte em toda a cidade de Glasgow.

Ouçamos a descrição desses bairros por J. C. Symons⁶, inspetor do governo na investigação sobre a situação dos tecelões manuais:

Aqui e no sul do continente, vi a miséria em seus piores aspectos, mas antes de visitar os *wynds* de Glasgow não acreditava que em qualquer país civilizado pudessem existir tanta monstruosidade, tanto pauperismo e tantas doenças. Nos albergues mais sórdidos dormem juntas, sobre o mesmo chão, dez, doze e às vezes vinte pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, mais ou menos desnudas. Esses alojamentos são usualmente (*generally*) tão sujos, úmidos e arruinados que ninguém gostaria de ter ali seu cavalo.⁷

E, mais adiante:

Os *wynds* de Glasgow abrigam uma população flutuante de 15 a 30 mil pessoas. Essa área se compõe unicamente de ruelas e pátios retangulares, no centro dos quais se ergue sempre um monte de imundícies. Por mais repugnante que fosse o aspecto exterior desses lugares, não foi o bastante para preparar-me para a sujeira e a miséria de seu interior. Em alguns desses dormitórios que nós [o superintendente policial, capitão Miller, e o próprio Symons] visitamos à noite, encontramos literalmente uma camada de seres humanos estendida no chão, por vezes quase a vinte, uns vestidos, outros nus, homens e mulheres misturados. Sua cama era um monte de palha bolorenta e alguns trapos. Havia poucos móveis ou nenhum e a única coisa que dava a esses cômodos um aspecto habitável era o fogo aceso. O furto e a prostituição constituem os principais recursos dessa população. Parece

⁶ *Arts and Artisans at Home and Abroad* [Ofícios e artesãos no país e no estrangeiro], por J. C. Symons, Edimburgo, 1839. O autor, ao que parece escocês, é um liberal e, conseqüentemente, um fanático adversário de qualquer movimento operário autônomo. As passagens citadas encontram-se nas p. 116 e ss.

⁷ A passagem aqui citada por Engels foi retirada, de fato, de outro texto de Symons: seu relatório à Comissão Real sobre os tecelões (*Parliamentary Papers* [Documentos parlamentares], v. 42, n. 159, 1839).

que ninguém se dava ao trabalho de limpar esses estábulos de Áugias, esse pandemônio, essa concentração de crimes, sujeira e pestilência cravada no centro da segunda cidade do Império. Amplas inspeções nos bairros mais degradados de outras cidades nunca me revelaram a metade desse horror, nem pela profundidade da infecção física e moral, nem pela densidade relativa da população. A maior parte das casas dessa região está catalogada como condenada e inabitável pela *Court of Guild*, mas são precisamente as mais habitadas, porque a lei proíbe que se cobre aluguel por elas.⁶

A grande zona industrial que se situa no centro da ilha britânica, a populosa região do West Yorkshire e do South Lancashire, com suas numerosas cidades industriais, também não fica atrás. A área lanígera do West Riding, no Yorkshire, é encantadora: uma sucessão de verdes colinas, cujas elevações se tornam mais e mais abruptas na direção oeste, até culminarem na crista escarpada de Blackstone Edge, divisória entre o mar da Irlanda e o mar do Norte. O vale do Aire, onde se situa Leeds, e o do Calder, percorrido pela ferrovia Manchester-Leeds, contam-se entre os mais sugestivos da Inglaterra, semeados de fábricas, vilas e cidades; as casas cinzentas de pedra, limpas e atraentes, comparadas às construções de tijolos cobertos de fuligem do Lancashire, são graciosas à vista. Mas logo que entramos nas cidades, poucas coisas nos agradam. Como descreve a fonte que já citei, *The Artizan*, e eu pude comprovar, Leeds situa-se

sobre um suave declive que desce para o vale do Aire. O rio, serpenteando, atravessa a cidade numa extensão de cerca de milha e meia⁷ e provoca, depois do período do degelo ou após chuvas violentas, graves inundações. Os bairros a oeste, situados mais ao alto, são relativamente limpos para uma cidade tão grande, mas os bairros mais baixos, situados junto ao rio e aos riachos (*becks*) que nele deságuam, são sujos e estreitos o suficiente para abreviar a vida dos moradores, em especial das crianças. Acrescentem-se ainda as horríveis condições dos bairros operários em torno de Kirkgate, March Lane, Cross Street e Richmond Road, com suas ruas sem pavimento e esgoto, suas construções irregulares, seus inúmeros pátios e becos e a ausência quase total dos mais elementares meios de limpeza. Tudo isso nos ajuda a explicar o elevadíssimo índice de mortalidade desses recantos em que reina a mais sórdida miséria. Em consequência das cheias do Aire [que, acrescenta-se, como todo rio que serve à indústria, entra na cidade com águas claras e transparentes e dela sai espesso, negro e malcheiroso, com imundícies inimagináveis], as casas e os porões são inundados com frequência, a ponto de serem necessárias bombas

⁶ A citação que Engels faz de Symons não é literal, mas integrada a passagens de W. P. Alison, op. cit. na nota 3, p. 77.

⁷ Sempre que se citar, sem maiores precisões, milha, trata-se da medida inglesa, quase cinco vezes maior que a medida alemã.

para lançar a água nas ruas; mas ela volta a encher os porões⁸, mesmo aqueles em que há rede de esgoto, resultando em miasmas fortemente impregnados de hidrogênio sulfuroso, que deixa nos canos um sedimento nauseabundo e extremamente prejudicial à saúde. Durante as inundações da primavera de 1839, os efeitos dessa obstrução dos esgotos foram tão deletérios que, de acordo com o relatório oficial do registro civil, naquele trimestre registraram-se nessa área três mortes para cada dois nascimentos, ao passo que, no mesmo período e em outros bairros, a proporção foi exatamente a inversa.

Outros bairros densamente habitados estão desprovidos de rede de esgotos – e esta, quando existe, é insuficiente. Em muitas fileiras de casas, raramente se encontra um porão que não esteja úmido; em muitos bairros, as ruas estão tomadas por uma lama em que os transeuntes se atolam. Inutilmente, os moradores procuram melhorá-las, lançando-lhes pás de cinzas; apesar disso, o esterco e as águas sujas ficam espalhadas diante das casas até que o sol e o vento os seque e dispersem (cf. o relatório do Conselho Municipal no *Statistical Journal*, v. 2, p. 404).

Em Leeds, um *cottage* comum não ocupa uma superfície superior a cinco jardas quadradas e, em geral, compõe-se de um porão, uma sala e um dormitório. Essas casas pequenas, dia e noite cheias de pessoas, são outro perigo para a saúde e para os costumes dos habitantes. O relatório supracitado, sobre a situação sanitária da classe operária, diz-nos como as pessoas se amontoam nessas habitações:

Em Leeds, encontramos irmãos e irmãs e hóspedes de ambos os sexos que partilham o dormitório com os pais; as conseqüências que daí resultam fazem estremecer os sentimentos humanos.

O panorama é o mesmo em Bradford, que se encontra a apenas sete milhas de Leeds, na confluência de muitos vales e junto a um riacho de águas completamente negras e nauseabundas. Num belo domingo de sol, porque durante a semana uma nuvem cinzenta de fumaça de carvão cobre Bradford, o alto das colinas que circundam a cidade oferece-nos um espetáculo soberbo – mas o que encontramos no interior da cidade é a mesma sujeira e o mesmo desconforto de Leeds. As partes mais velhas da cidade, construídas nas encostas íngremes, são apertadas e irregulares; nas ruelas, becos e pátios acumulam-se lixo e imundície; as casas são degradadas, sujas e desconfortáveis; nas vizinhanças imediatas do rio e do fundo do vale, encontrei várias cujo piso inferior, por ser escavado no flanco da colina, é inteiramente

⁸ Porões que, não se esqueça, servem de moradia a seres humanos.

inabitável. Em geral, os bairros do fundo do vale, onde, comprimidas entre as altas fábricas, estão as habitações dos operários, são os piores e os mais sujos de toda a cidade. Nos bairros mais novos, como ocorre em quase todas as outras cidades industriais, as casas são mais regulares, alinhadas, mas têm todos os inconvenientes inerentes ao modo costumeiro de alojar os operários e ao qual nos referiremos em detalhe ao tratar de Manchester. O mesmo vale para as outras cidades do West Riding – notadamente Barnsley, Halifax e Huddersfield. Esta última, que, por sua posição encantadora e por sua moderna arquitetura, é a mais bela das cidades industriais do Yorkshire e do Lancashire, tem igualmente seus bairros horríveis; de fato, uma comissão designada por uma assembleia de cidadãos para inspecionar a cidade relatou, em 5 de agosto de 1844:

É notório que, em Huddersfield, ruas inteiras e muitas ruelas e pátios estão desprovidos de pavimentação, esgotos e outras formas de escoamento; aí se acumulam detritos, sujeira e imundícies, que apodrecem e fermentam, e por quase todo lado a água estagnada forma charcos; em consequência, as habitações contíguas são necessariamente sujas e insalubres, originando doenças que ameaçam a saúde de toda a cidade.⁹

Se caminharmos, ou utilizarmos a ferrovia, e atravessarmos Blackstone Edge, chegaremos à terra clássica onde a indústria inglesa realizou sua obra-prima e da qual partem todos os movimentos operários – o South Lancashire, com seu grande centro, Manchester. De novo nos defrontamos com uma bela paisagem: colinas que descem suavemente em direção ao oeste, para o mar da Irlanda, com os encantadores vales verdejantes do Ribble, do Irwell e do Mersey e de seus afluentes. Há um século, essa região, em grande parte, não passava de um pântano quase deserto; hoje, está semeada de vilas e cidades e é a zona mais densamente habitada da Inglaterra. No Lancashire meridional, em particular em Manchester, a indústria britânica tem seu ponto de partida e seu centro; a Bolsa de Manchester é o termômetro do comércio; a moderna técnica de produção alcançou aí sua perfeição. Na indústria algodoeira do South Lancashire, o aproveitamento das forças da natureza, a substituição do trabalho manual pelas máquinas (especialmente o tear mecânico e a *self-actor mule*) e a divisão do trabalho chegaram ao extremo; e se localizarmos nesses três elementos os traços característicos da indústria moderna, devemos reconhecer que a indústria algodoeira, de seus primórdios à atualidade, continua

⁹ A comissão referida por Engels foi designada pelos cidadãos de Huddersfield em 19 de junho de 1844; seu relatório foi publicado no n. 352, de 10 de agosto de 1844, do *Northern Star*.

na vanguarda de todos os ramos industriais. Mas é também nela que, ao mesmo tempo, desenvolveram-se, na forma mais pura e mais completa, os efeitos da indústria moderna sobre a classe operária – e, nela, o proletariado industrial revelou suas mais clássicas características. Nela, elevou-se ao máximo a degradação a que o emprego da força do vapor, das máquinas e da divisão do trabalho submeteu o operário, e as tentativas do proletariado para superar essa situação aviltante chegaram aqui ao extremo e tornaram-se lucidamente conscientes. Portanto, por ser Manchester o tipo clássico da moderna cidade industrial e por conhecê-la tão bem como a minha própria cidade natal – e melhor que a maioria de seus habitantes –, vamos nos deter mais cuidadosamente sobre ela.

As cidades que rodeiam Manchester diferem pouco dela no que tange aos bairros operários¹⁰, salvo que, nelas, o proletariado talvez represente uma fração ainda mais importante da população. De fato, elas são exclusivamente industriais, realizando transações comerciais em Manchester – da qual dependem inteiramente; são habitadas somente por operários, industriais e pequenos negociantes, ao passo que Manchester abriga ainda uma população comercial muito importante, composta principalmente pelos chamados comissários e grandes varejistas. É por isso que Bolton, Preston, Wigan, Bury, Rochdale, Middleton, Heywood, Oldham, Ashton, Stalybridge, Stockport etc., mesmo sendo quase todas cidades de 30, 50, 70 ou até 90 mil habitantes, não passam de enormes bairros operários em torno de fábricas, com algumas grandes ruas ladeadas de lojas e outras, poucas, pavimentadas, ao longo das quais se alinham jardins e casas de industriais. As cidades são irregulares e mal construídas, com pátios sujos, ruas e ruelas cheias de fuligem e têm um aspecto particularmente repugnante porque o tijolo – que constitui o material mais usado nas edificações –, sob a ação da fumaça, perde de todo a coloração vermelha e torna-se enegrecido. O mais comum são as moradias nos porões; eles são construídos onde quer que seja possível e neles vive parte muito considerável da população.

Entre as piores cidades da região, além de Preston e Oldham, está Bolton, situada a onze milhas a noroeste de Manchester. Como verifiquei em minhas repetidas estadas nessa cidade, ela tem apenas uma rua principal, Deansgate, de resto muito suja, que serve também como mercado e que, mesmo com bom tempo, não é mais que uma passagem sombria e miserável, embora

¹⁰ Entre a edição original e a de 1892, Engels fez aqui uma modificação: substituiu *Arbeitsbezirke* (bairros onde se trabalha) por *Arbeiterbezirke* (bairros operários).

só tenha, além das fábricas, casas baixas, de um ou dois andares. Como em toda parte, a zona antiga da cidade é particularmente degradada e quase inabitável; é cortada por uma água negra – não se pode dizer se é um córrego ou uma sucessão de charcos – que contribui para tornar completamente empestado um ar já nada puro.

Mais adiante está Stockport, que, mesmo situando-se na margem do Mersey pertencente ao Cheshire, faz parte do distrito industrial de Manchester. Estende-se num vale estreito, paralelo ao Mersey, com sua rua principal bastante acidentada e com a ferrovia Manchester–Birmingham passando sobre ela num alto viaduto. Stockport é conhecida em toda a região como um dos buracos mais sombrios e esfumaçados e, de fato, quando vista do viaduto, oferece um panorama muito desagradável. Mas pior ainda é o aspecto das casas e dos porões habitados pelos proletários, em longas fileiras que se espriam por toda a cidade, do fundo do vale ao alto das colinas. Não me recordo de ter visto em nenhuma outra cidade dessa região uma quantidade tão grande de porões habitados.

A poucas milhas a nordeste de Stockport encontra-se Ashton-under-Lyne, um dos mais modernos centros industriais da região. Situada na encosta de uma colina, em cujo sopé correm o canal e o rio Tame, a cidade foi construída segundo um sistema mais avançado e racional. Cinco ou seis grandes ruas paralelas cortam toda a colina e cruzam-se perpendicularmente com outras que descem para o vale. Graças a esse sistema, todas as fábricas ficariam fora da cidade propriamente dita, se a proximidade da água e do canal não as tivesse atraído a todas para o fundo do vale, onde se amontoaram, com suas chaminés lançando ao ar uma espessa fumaça. Ashton tem um aspecto muito mais agradável que a maioria das outras cidades industriais: suas ruas são largas e limpas, as casas – de um vermelho vivo – parecem novas e cômodas. Mas o novo sistema de construção de casas para os operários também apresenta seus inconvenientes: toda rua tem, por detrás, uma viela escondida, à que se chega por um estreito beco transversal, que é muito suja. E até Ashton – onde não vi, exceto na entrada da cidade, edificações com mais de cinquenta anos – tem ruas degradadas, nas quais há casas feias e estragadas, com paredes rachadas e cujo reboco está caindo, enfim ruas com um aspecto sórdido e enegrecido idêntico ao de outras cidades da região. No entanto, em Ashton, isso não é a regra, é a exceção.

Uma milha mais a leste, também às margens do Tame, situa-se Stalybridge. Quem vem de Ashton, atravessando as montanhas, vislumbra, à direita e à esquerda, amplos e belos jardins que circundam casas magníficas, construí-

das em geral segundo o estilo *elisabetano*^a – que está para o gótico assim como a religião protestante-anglicana está para a católica apostólica romana. Cem passos mais adiante e Stalybridge aparece no vale – mas que violento contraste com aquelas lindas vivendas avistadas das montanhas ou mesmo com as casas mais modestas de Ashton! Stalybridge fica numa garganta estreita e sinuosa, ainda mais estreita que a de Stockport, cujas vertentes são cobertas por uma teia desordenada de *cottages*, prédios e fábricas. Logo que ali se entra, veem-se as primeiras casas, pequenas, enfumaçadas, velhas e degradadas – e toda a cidade oferece o mesmo aspecto. As poucas ruas que vêm do fundo do vale se cruzam e recruzam, sobem e descem; por causa da topografia inclinada, o rés-do-chão da maioria das casas é meio enterrado; do alto, pode-se ver, como se se sobrevoasse a cidade, a quantidade de pátios, ruelas meio ocultas e recantos isolados produzidos por um confuso modo de edificação. Se se agrega a isso uma sujeira assustadora, compreende-se a repugnante impressão que, não obstante seus lindos arredores, é causada por Stalybridge.

Mas já dissemos o bastante sobre essas cidades menores. Todas têm suas peculiaridades; nelas, porém, os operários vivem como em Manchester. Por isso, limitei-me a descrever o aspecto particular de sua estrutura; de fato, todas as observações gerais sobre a situação das moradias operárias de Manchester cabem perfeitamente à totalidade das cidades vizinhas. Passemos, pois, ao grande centro.

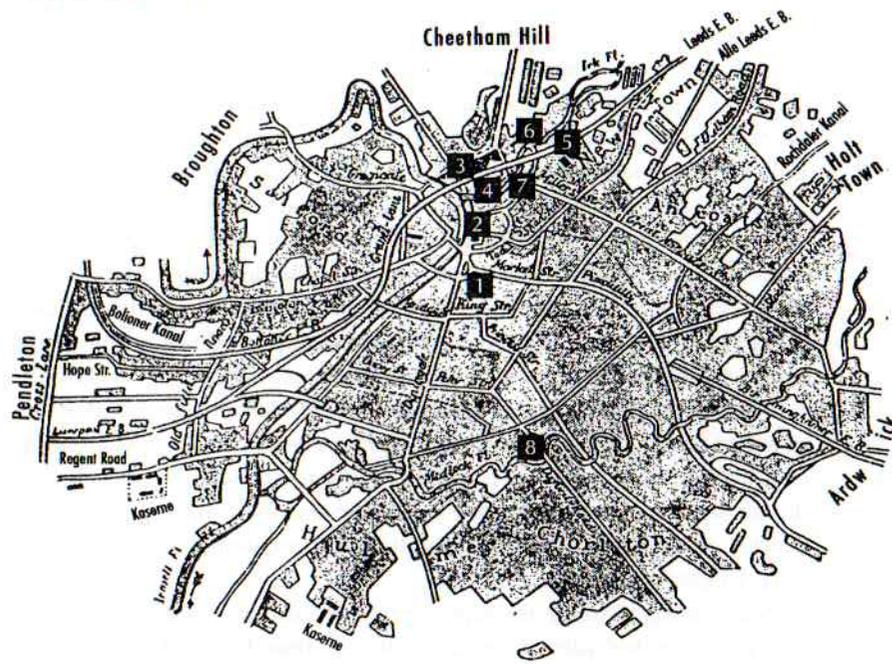
Manchester situa-se no sopé meridional de uma cadeia de montanhas que, partindo de Oldham, corta os vales do Irwell e do Medlock e cujo último cume, o Kersall-Moor, é, ao mesmo tempo, o hipódromo e o *mons sacer*^b de Manchester. A cidade propriamente dita encontra-se na margem esquerda do Irwell, entre esse rio e dois outros menores, o Irk e o Medlock, que aqui nele deságuam. Na margem direita do Irwell, encerrada numa espécie de anel formado pelo rio, está Salford e, mais a ocidente, Pendleton; ao norte do Irwell, encontram-se a alta e a baixa Broughton; ao norte do Irk, fica Cheetham Hill; ao sul do Medlock, está Hulme e, mais a oriente, Chorlton-on-Medlock e, ainda mais longe, mais ou menos a leste de Manchester,

^a Engels refere-se aqui ao estilo neo-Tudor.

^b *Mons sacer* (monte sagrado) é a expressão latina que designa o lugar onde, segundo a tradição, os plebeus romanos se reuniram, em 494 a. C., quando da sublevação contra os patricios. Engels denomina assim a colina de Kersall-Moor porque os operários de Manchester faziam ali suas reuniões; parece que o primeiro a utilizar a denominação para o local foi John Wilson Crocker (1780-1857), um irlandês *tory*, que a teria empregado num artigo publicado em 1842.

Ardwick. Todo esse conjunto é comumente chamado de Manchester e conta com 400 mil habitantes, senão mais⁸.

Manchester e seus arredores



Legendas: 1. A Bolsa / 2. A igreja velha / 3. A casa de trabalho / 4. O cemitério dos pobres entre as estações 3 e 4 da ferrovia / 5. Igreja de St. Michael / 6. Ponte sobre o Irk (Scotland Bridge) / 7. Ponte sobre o Irk (Ducie Bridge) / 8. "Pequena Irlanda"

O bairro comercial, ao centro, é indicado pela linha tracejada da esquerda para a direita.

Manchester é construída de um modo tão peculiar que podemos residir nela durante anos, ou entrar e sair diariamente dela, sem jamais ver um bairro operário ou até mesmo encontrar um operário – isso se nos limitarmos a cuidar de nossos negócios ou a passear. A razão é que – seja por um

⁸ A cifra mencionada por Engels é relativa ao conjunto por ele referido – apenas Manchester, em 1844, contava com 235 mil habitantes. Relewa notar que, em 1838, Hulme, Chorlton-on-Medlock, Ardwick e Cheetham (além do distrito de Beswick) vincularam-se administrativamente a Manchester.

acordo inconsciente e tácito, seja por uma consciente e expressa intenção – os bairros operários estão rigorosamente separados das partes da cidade reservadas à classe média ou, quando essa separação não foi possível, dissimulados sob o manto da caridade.

Manchester tem, em seu centro, um bairro comercial bastante grande, com cerca de uma milha e meia de comprimento e outro tanto de largura, composto quase exclusivamente por escritórios e armazéns (*warehouses*). Nele praticamente não existem moradias e, por isso, à noite, fica vazio e deserto – apenas a guarda noturna, com suas lanternas, circula pelas ruas estreitas e sombrias. Nessa zona há algumas ruas grandes, que concentram o tráfego, e o térreo das edificações é ocupado por lojas luxuosas; aí se encontram uns poucos pavimentos superiores habitados e nela reina, até alta noite, uma certa animação. Excetuada essa zona comercial, toda a Manchester propriamente dita – ao lado de Salford e Hulme, uma parte significativa de Pendleton e de Chorlton, dois terços de Ardwick e igual parcela de Cheetham Hill e de Broughton – não é mais que um único bairro operário que, com uma largura média de uma milha e meia, circunda como um anel a área comercial. A alta e a média burguesia moram fora desse anel. A alta burguesia habita vivendas de luxo, ajardinadas, mais longe, em Chorlton e Ardwick ou então nas colinas de Cheetham Hill, Broughton e Pendleton, por onde corre o sadio ar do campo, em grandes e confortáveis casas, servidas, a cada quinze ou trinta minutos, por ônibus que se dirigem ao centro da cidade. A média burguesia vive em ruas boas, mais próximas dos bairros operários, sobretudo em Chorlton e nas áreas mais baixas de Cheetham Hill. O curioso é que esses ricos representantes da aristocracia do dinheiro podem atravessar os bairros operários, utilizando o caminho mais curto para chegar aos seus escritórios no centro da cidade, sem se aperceber que estão cercados, por todos os lados, pela mais sórdida miséria.

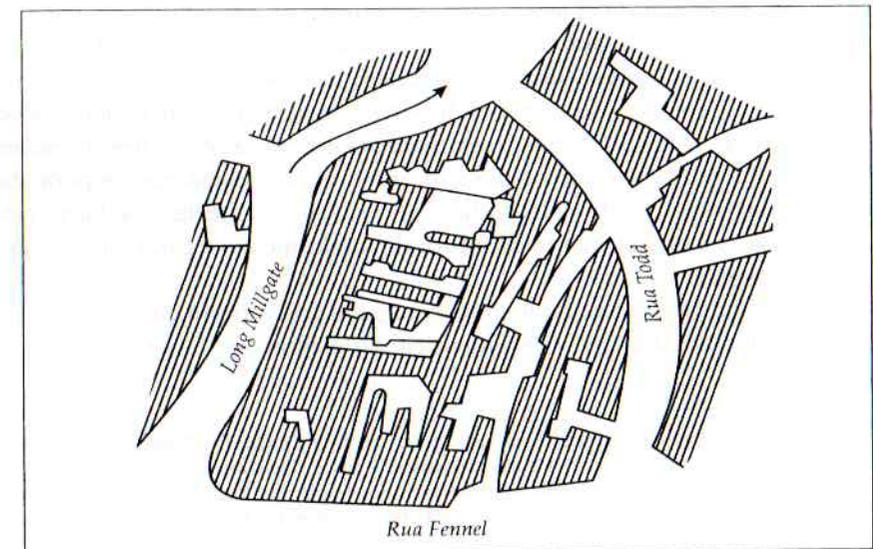
De fato, as principais ruas que, partindo da Bolsa, deixam a cidade em todas as direções, estão ocupadas, dos dois lados, por lojas da pequena e da média burguesias, que têm todo o interesse em mantê-las com aspecto limpo e decoroso. É verdade que tais lojas se relacionam de algum modo com os bairros que estão em suas traseiras e, naturalmente, são mais elegantes e cuidadas no bairro comercial e junto das áreas burguesas do que nas zonas em que têm de ocultar as sórdidas casas operárias; todavia, sempre dão conta de esconder dos ricos senhores e de suas madames, de estômago forte e nervos frágeis, a miséria e a sujeira que são o complemento de seu luxo e de sua riqueza. É o que acontece, por exemplo, com a Deansgate, que parte

em linha reta da igreja velha para o sul; no princípio, é ladeada por boas lojas e fábricas; seguem-se lojas de segunda categoria e algumas cervejarias; mais ao sul, quando deixa o bairro comercial, tem pelos lados negócios mais pobres, que, à medida que se avança, tornam-se sujos e intercalados por tabernas; enfim, na extremidade sul, a aparência das lojas não permite qualquer dúvida sobre seus fregueses: operários, só operários. O mesmo se passa com a Market Street, que sai da Bolsa em direção ao sudeste: de início, encontramos lojas de primeira categoria e, nos andares superiores, escritórios e armazéns; depois (Piccadilly), belos hotéis e entrepostos; mais adiante ainda (London Road), junto ao Medlock, fábricas, lojas e tabernas para a pequena burguesia e para os operários; mais próximo de Ardwick Green, casas da média e alta burguesia e, a partir daí, grandes jardins e enormes residências dos mais ricos industriais e comerciantes. Assim, conhecendo a cidade, é possível, pelo aspecto dos trechos das ruas principais, deduzir o tipo de bairro contíguo; mas, dessas ruas, é extremamente difícil contemplar de fato os bairros operários. Sei perfeitamente que essa disposição urbana hipócrita é mais ou menos comum a todas as grandes cidades; também sei que os comerciantes varejistas, pela própria natureza de seu negócio, devem ocupar as ruas principais; sei igualmente que nessas ruas, em toda parte, encontram-se edificações mais bonitas que feias e que o valor dos terrenos que as rodeiam é superior ao daqueles dos bairros periféricos; entretanto, em lugar nenhum como em Manchester verifiquei tanta sistematidade para manter a classe operária afastada das ruas principais, tanto cuidado para esconder delicadamente aquilo que possa ofender os olhos ou os nervos da burguesia. E, no entanto, em Manchester, a urbanização, menos ainda que em qualquer outra cidade, não resultou de um planejamento ou de ordenações policiais: operou-se segundo o acaso. É por isso que, quando penso na classe média afirmando às pressas que os operários se comportam de maneira adequada, sempre tenho a impressão que os industriais liberais de Manchester, as grandes personalidades liberais (*big whigs*), tiveram sua parte nessa organização urbana tão cheia de pudor.

Acrescento que os estabelecimentos industriais situam-se quase todos à margem dos três rios ou dos vários canais que se ramificam pela cidade e passo diretamente à descrição dos bairros operários propriamente ditos. Em primeiro lugar, temos a parte velha de Manchester, entre o limite norte do bairro comercial e o Irk. Aqui, mesmo as melhores ruas são estreitas e tortuosas – Todd Street, Long Millgate, Withy Grove e Shude Hill –, as casas são sujas, velhas e degradadas e o aspecto das ruas adjacentes é absoluta-

mente horrível. Quando, vindos da igreja velha, entramos na Long Millgate, logo nos defrontamos, à direita, com uma fileira de casas antigas, todas com a fachada em mau estado; são os restos da velha Manchester pré-industrial, cujos habitantes, com seus descendentes, transferiram-se para bairros mais bem construídos, deixando as casas – que para eles se tornaram indignas – para uma população operária de origem fortemente irlandesa. Aqui estamos de fato num bairro quase declaradamente operário, uma vez que as lojas e as tabernas não se dão ao trabalho de parecerem nem um pouco limpas – o que não é nada em comparação com as ruelas e os pátios dos fundos, a que se tem acesso através de becos cobertos e tão estreitos que neles duas pessoas não conseguem se cruzar.

É difícil imaginar o desordenado amontoamento das casas, literalmente empilhadas umas sobre as outras, autêntico desafio a qualquer arquitetura racional. E a responsabilidade disso não cabe apenas ao que sobreviveu dos velhos tempos de Manchester: a confusão foi levada ao extremo na nossa época porque, onde quer que o urbanismo precedente deixou o menor espaço entre as edificações antigas, construiu-se e ampliou-se até não restar um único centímetro livre. Confirma-o o pequeno fragmento, que reproduzo aqui, da planta de Manchester – não se refere à parte pior e não representa sequer uma décima parte da cidade velha.



Esse fragmento basta para caracterizar a absurda urbanística de todo o bairro, particularmente nas vizinhanças do Irk. Aqui, a margem sul do Irk é muito abrupta e tem entre quinze a trinta pés de altura; nessas escarpas com frequência estão construídas três filas de casas – a mais baixa surge quase diretamente do rio, a mais alta situa-se no nível do topo da colina de Long Millgate. Além do casario, à beira do Irk há fábricas; em resumo, também aqui as construções são tão apertadas e desordenadas como na parte inferior da Long Millgate.

À esquerda e à direita, uma miríade de passagens cobertas leva da rua principal aos numerosos pátios e, quando neles entramos, uma sujeira repugnante, incomparável a tudo que conheci, nos rodeia – especialmente nos pátios que descem para o Irk, onde, na realidade, estão as habitações mais horríveis que vi até hoje. Num desses pátios, logo na entrada, onde termina a passagem coberta, há um banheiro sem porta e tão sujo que os moradores, para entrarem ou saírem do pátio, têm de atravessar um charco de urina e excrementos – se alguém quiser vê-lo, trata-se do primeiro pátio à beira do Irk, acima da Ducie Bridge. Mais abaixo, à margem do rio, há vários curtumes, que deixam o ar da região empestado com o mau cheiro ocasionado pela decomposição de matérias orgânicas.

Nos pátios abaixo da Ducie Bridge, quase sempre é preciso descer escadas estreitas e imundas, saltando sobre montes de sujeira, para chegar às casas. O primeiro desses pátios chama-se Allen's Court; quando da epidemia de cólera (1832), encontrava-se em tal estado que a polícia sanitária o evacuou, limpou e desinfetou com cloro; o doutor Kay, numa brochura⁹, oferece uma terrível descrição desse pátio naquele tempo. Depois, parece ter sido demolido e reconstruído em parte; pelo menos, do alto da Ducie Bridge se veem paredes em ruínas e montes de escombros ao lado de construções mais recentes. O panorama que se pode descortinar dessa ponte – delicadamente oculto dos mortais de baixa estatura graças a um parapeito da altura de um homem – é característico de toda a região.

Embaixo corre, ou melhor, estagna o Irk, estreito curso d'água, negro, nauseabundo, cheio de imundície e detritos que lança sobre a margem

⁹ *The Moral and Physical Condition of the Working Classes Employed in the Cotton Manufacture in Manchester* [A condição moral e física das classes operárias empregadas na indústria do algodão em Manchester], por James Ph. Kay, 2. ed., 1832. O doutor Kay confunde a classe operária em geral com a classe dos operários fabris, mas de resto o texto é excelente.

direita, mais baixa; aí, no período da seca, alinha-se uma série de charcos lamacentos, esverdeados e fétidos, do fundo dos quais sobem bolhas de gás mefítico, cujo cheiro, sentido mesmo do alto da ponte, quarenta ou cinquenta pés acima da água, é insuportável; ademais, o próprio rio tem seu curso detido a cada passo por barragens, junto às quais se depositam e apodrecem lama e detritos. Acima da ponte, veem-se grandes curtumes e, mais acima ainda, tinturarias, moinhos para pulverizar ossos e usinas de gás cujas águas servidas e dejetos vão todos parar no Irk (que também recebe os esgotos) – é fácil imaginar, pois, a natureza dos resíduos que se acumulam no seu leito. Abaixo da ponte, avistam-se os montes de lixo, as imundícies, a sujeira e a degradação dos pátios situados na escarpada margem esquerda; as casas comprimem-se umas às outras e, dada a inclinação da margem, cada uma se vê apenas parcialmente, mas são todas mais ou menos iguais: enegrecidas pela fumaça, degradadas, velhas, as janelas com caixilhos e vidros aos pedaços. O pano de fundo é constituído por antigos estabelecimentos industriais, que se parecem a casernas. Na margem direita, baixa e plana, vê-se uma larga série de casas e fábricas. A segunda casa está em ruínas, destelhada, cheia de escombros, e a terceira é tão baixa que o andar inferior é inabitável e, por isso, desprovido de porta e janela. Nessa margem, o pano de fundo é composto pelo cemitério dos pobres, as estações ferroviárias para Liverpool e Leeds e, mais atrás, a *Casa dos Pobres*, a “Bastilha da Lei dos Pobres” de Manchester, que, do cimo de uma colina, tal como uma fortaleza, por trás de suas altas muralhas e ameias, observa ameaçadoramente o bairro operário que se estende à sua frente.

Acima da Ducie Bridge, a margem esquerda do Irk torna-se mais plana e a direita, em contrapartida, mais acidentada; mas a condição das casas, em ambas as margens do rio, tende a piorar.

Se deixarmos a rua principal, ainda a Long Millgate, e nos voltarmos para a esquerda, sentimos-nos perdidos: saltamos de pátio em pátio, percorremos becos e vielas e enfim não sabemos para onde ir. As edificações, por todos os lados, estão parcial ou totalmente degradadas e algumas estão realmente sem moradores – o que, aqui, é eloquente; raras são as habitações que dispõem de piso, seja de madeira ou de pedra; quase sempre as portas e janelas estão em frangalhos. E que imundície! Lixo e detritos amontoados por todos os lados, poças em vez de canaletas e um mau cheiro que impede a um homem minimamente civilizado viver nesse bairro. O novo ramal ferroviário para Leeds, que corta o Irk exatamente aqui, fez

desaparecer uma parte desses becos e pátios, mas, em troca, expôs outros à vista. Sob a ponte da ferrovia, há um pátio que supera largamente todos os demais em sujeira e horror, de difícil acesso e que permaneceu quase oculto até a construção do viaduto ferroviário – eu mesmo, que julgava conhecer muito bem esse lugar, só o descobri depois da conclusão da ponte. Somente atravessando uma escarpa, passando entre estacas e varais, penetramos nesse caos de pequenos casebres térreos, quase sempre sem qualquer revestimento sobre o chão e compostos de uma única peça, que é simultaneamente cozinha, sala e dormitório. Num desses buracos, que não media mais que seis pés de comprimento por cinco de largura, vi duas camas – e que camas! – que, junto com uma escada e um fogareiro, enchem todo o cômodo. Em muitos outros não vi *absolutamente nada*, embora, como a porta estivesse aberta, constatasse que os moradores lá estavam. À frente das portas, de todas, detritos e sujeira – e tanta que, para saber se havia algum revestimento sobre o chão, era preciso em alguns locais tentar senti-lo com os pés. Todo esse conjunto de estábulos habitados por seres humanos era cercado, em dois lados, por casas e uma fábrica e, no terceiro, pelo rio. Tirante o pequeno atalho na margem do rio, o único acesso consistia numa estreita passagem que levava a outro labirinto de habitações, igualmente mal construídas e malconservadas.

Basta de exemplos, uma vez que toda a área do Irk é assim: um completo caos de casas amontoadas, todas mais ou menos inabitáveis, cuja sujeira interna corresponde perfeitamente à imundície que as circunda. E como, nessa situação, as pessoas poderiam ser limpas? Não existem as mínimas condições para a satisfação das necessidades naturais e cotidianas. As instalações sanitárias são tão raras que estão constantemente ocupadas ou, para a maioria das pessoas, muito afastadas. Como pretender que as pessoas se lavem, quando têm à sua disposição somente as águas imundas do Irk, com canalizações e bombas apenas nos bairros decentes? Na verdade, é impossível censurar esses hilotas da sociedade moderna por serem suas habitações tão sujas como os chiqueiros que se encontram de vez em quando no meio delas. Quanto aos proprietários, esses não têm nenhum pudor em alugar moradias como os seis ou sete porões que dão para o rio, logo acima da Scotland Bridge, cujo chão está no mínimo dois pés abaixo do nível do Irk – e isso quando as águas estão baixas –, que corre a menos de seis pés de distância. Ou como o andar superior da casa da esquina, na outra margem, imediatamente antes da ponte, cujo rés-do-chão é inabitável, sem nada para tapar os buracos das janelas e da porta – e esse é um caso mais

ou menos comum em toda essa zona: o rés-do-chão aberto é utilizado por toda a vizinhança como latrina, à falta de locais apropriados!

Deixemos o Irk e entremos pelo lado oposto da Long Millgate, no meio das habitações operárias. Estamos agora num bairro um pouco mais novo, que se estende da igreja de St. Michael até Withy Grove e Shude Hill. Aqui encontramos, pelo menos, um pouco de ordem: ao contrário de caótica edificação, temos ruelas e becos retilíneos ou pátios retangulares, que não foram construídos por acaso; mas se antes o arbítrio respondeu pela construção de cada casa, aqui o arbitrário responde pela edificação das ruelas e dos becos: cada qual foi construído sem qualquer preocupação com os outros – as ruelas se orientam para as mais diferentes direções e a cada passo se chega a um beco ou esquina que obriga o transeunte a voltar ao ponto de onde partiu: quem não vive há algum tempo nesse labirinto dificilmente consegue orientar-se. Por essa razão, a circulação do ar nas ruas – se é cabível essa ideia nesse bairro – e nos pátios é tão insuficiente como na zona do Irk. É verdade que esse bairro apresenta algumas vantagens em relação à zona do Irk: as casas são mais novas e algumas ruas dispõem de rede de esgotos; em compensação, quase todas as casas têm moradias nos porões (o que, na área do Irk, é raro, até porque as construções ali são muito mais velhas e grosseiras). De resto, a imundície, os montes de entulho e de cinzas e os charcos nas ruas são comuns aos dois bairros, mas neste de que estamos falando agora verificamos um outro aspecto, muito prejudicial à saúde dos moradores: o grande número de porcos que remexem o lixo nas ruas ou estão confinados em pequenas pocilgas no interior dos pátios. Os criadores de porcos, aqui como em quase todos os bairros operários de Manchester, alugam pátios e aí instalam pocilgas; em quase todos os pátios há um canto onde os moradores jogam o lixo, com o qual os porcos se alimentam – e a atmosfera, então, fica irrespirável, em razão da decomposição de substâncias orgânicas. Atravessando esse bairro, rasgaram uma rua larga e bastante decente – a Millers Street –, que dissimula com êxito o que se esconde lá atrás; mas se alguém, arrastado pela curiosidade, deixar-se atrair por uma das numerosas passagens que levam aos pátios, encontrará, a cada vinte passos, lugares literalmente habitados por porcos.

Essa é a velha Manchester – e, relendo a descrição que apresentei, devo confessar que, longe de ser exagerada, é muito débil para evidenciar a imundície, a degradação e o desconforto dessa área que abriga, pelo menos, entre 20 e 30 mil habitantes e cuja estrutura urbana é um desafio a qualquer princípio de ventilação, salubridade e higiene. E pensar que tais bairros es-

tão no coração da segunda cidade da Inglaterra, no coração da primeira cidade industrial do mundo! Basta vir até aqui para saber de quão pouco espaço para mover-se, de quão pequena quantidade de ar – e que ar! – para respirar necessitam os homens e em que tão baixo nível de civilidade eles podem sobreviver quando obrigados pela necessidade.

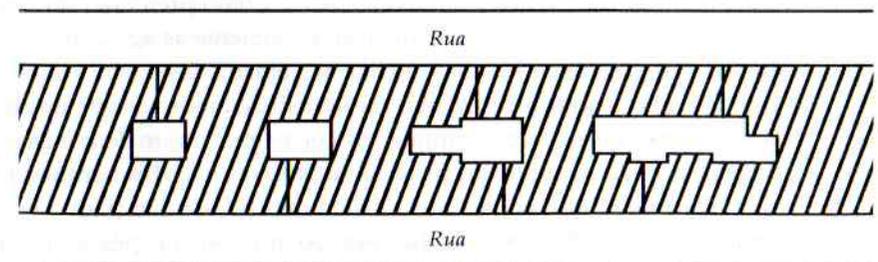
É verdade que se trata da cidade *velha* – e essa é a argumentação das pessoas daqui, quando lhes mencionamos o estado espantoso desse inferno sobre a terra. Mas esse argumento nada significa, porque tudo o que nos horroriza e nos indigna é de origem recente e data da *época industrial*. As poucas centenas de casas próprias da velha Manchester foram abandonadas há muito por seus primitivos habitantes; foi a indústria que fez com que fossem ocupadas pela massa de operários que hoje moram nelas; foi a indústria que cobriu de construções cada espaço livre entre as velhas casas, a fim de abrigar aí as massas que compelia a abandonar os campos e a Irlanda; foi a indústria que permitiu aos proprietários desses estábulos alugá-los a altos preços, como se fossem habitações humanas, explorando a miséria dos operários, minando a saúde de milhares de pessoas e enriquecendo-os apenas a eles, os proprietários; foi a indústria que fez com que o trabalhador, recém-liberado da servidão, pudesse ser utilizado novamente como puro e simples instrumento, como *coisa*, a ponto de ter de se deixar encerrar em cômodos que ninguém habitaria e que ele, dada a sua pobreza, é obrigado a manter em ruínas. Tudo isso é obra exclusiva da indústria, que não poderia existir sem esses operários, sem a sua miséria e a sua escravidão. É verdade que a estrutura original desse bairro era ruim, que pouca coisa de bom se poderia fazer nele – mas, quando surgiram as novas construções, houve qualquer iniciativa, dos proprietários dos terrenos ou da administração pública, no sentido de melhorá-lo? Ao contrário, onde ainda havia uma parcela de terra livre, construiu-se uma casa; onde ainda havia uma passagem supérflua, ela foi substituída por uma edificação; o valor da terra tornou-se mais alto com o desenvolvimento industrial e quanto mais subia, mais freneticamente se construía, sem a menor preocupação com a saúde e o conforto dos moradores, com o único objetivo de obter o maior lucro possível e com base no princípio de que, *por pior que seja um casebre, há sempre um pobre que não pode pagar outro menos ruim*. Mas... que quereis? Essa é a cidade velha – e com esse argumento a burguesia se tranquiliza. Pois então vejamos o que oferece a *cidade nova* (*the New Town*).

A cidade nova, também chamada de “cidade irlandesa” (*the Irish Town*), estende-se para além da parte antiga, sobre o flanco de uma colina argilosa

entre o Irk e a St. George's Road. Aqui não há qualquer aspecto urbano. Filas isoladas de casas ou que formam um conjunto de ruas elevam-se intermitentemente, como pequenas aldeias sobre o solo argiloso e nu, onde nem a relva cresce; as casas, ou melhor, os casebres estão em mau estado, nunca foram consertados, são sujos e têm habitações nos porões úmidos e insalubres; as ruelas não são pavimentadas, não têm rede de esgotos e abrigam varas de porcos, fechadas em pocilgas nos pequenos quintais ou que passeiam livremente na encosta. Os caminhos são tão lamacentos que somente quando o tempo está muito seco é possível percorrê-los sem atolar a cada passo.

É nas proximidades da St. George's Road que as várias ilhotas constituídas pelas filas isoladas de casas se juntam – e aí nos deparamos com uma série interminável de ruelas, becos, ruas traseiras e pátios, cuja quantidade e desordem aumentam à medida que nos aproximamos do centro da cidade. Em compensação, as vias são pavimentadas ou, pelo menos, possuem passagens pavimentadas para os pedestres e dispõem de rede de esgoto. Mas a sujeira e o mau estado das casas, especialmente dos porões, permanecem os mesmos.

É oportuno fazer agora algumas observações gerais sobre o tipo de construção dos bairros operários de Manchester. Já vimos que, na cidade velha, frequentemente o arbítrio presidia ao agrupamento das edificações. Cada casa foi construída sem que se tivessem em conta as outras e os poucos palmos de terra irregular entre elas são chamados, à falta de melhor designação, pátios (*courts*). Nas zonas um pouco mais recentes desse mesmo bairro, e em outros bairros que datam dos primeiros tempos do desenvolvimento industrial, verifica-se um esboço de plano. O espaço entre duas ruas é dividido em pátios mais regulares, a maioria deles quadrangulares, como se vê na seguinte figura:



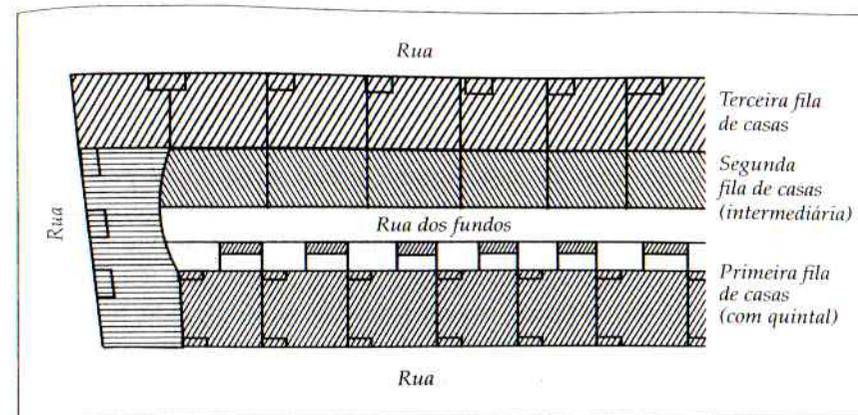
Tais pátios se comunicam com as ruas através de passagens cobertas. Se a construção desordenada já era muito prejudicial à saúde dos morado-

res, na medida em que impedia a circulação do ar, esse sistema de encerrar os operários em pátios fechados por todos os lados o é ainda mais. Aqui, torna-se impossível a renovação do ar; as chaminés das casas – se o fogo não está aceso – constituem as únicas saídas para o ar viciado dos pátios¹⁰. Acrescente-se ainda que as casas em torno desses pátios são em geral construídas duas a duas, a parede do fundo sendo comum, e isso já basta para impedir um arejamento satisfatório e adequado. E como a vigilância viária não se preocupa com o estado desses pátios e tudo quanto é jogado aí apodrece tranquilamente, não há como espantar-se com a sujeira, a imundície e os montes de cinza. Estive em pátios junto à Millers Street que, situados a pelo menos meio pé abaixo do nível da rua, não tinham qualquer valeta para escoar as águas da chuva, que ficavam estagnadas aí até secarem!

Mais recentemente, adotou-se um outro sistema de construção, agora usado comumente. As casas não se constroem mais de forma isolada, mas às dúzias ou mesmo às grosas, por um único empreiteiro que se encarrega de uma ou duas ruas. Elas se dispõem da seguinte maneira: uma das fachadas compreende as casas da primeira fila, que têm a sorte de possuir uma porta traseira e um pequeno quintal – e, por isso, seu aluguel é mais caro; por trás delas, há uma estreita ruela, a rua dos fundos (*back street*), fechada em ambas as extremidades e cujo acesso é lateral, um estreito caminho ou uma passagem coberta; as casas que dão para essa ruela são as que têm o aluguel mais barato e são as mais descuidadas; as paredes traseiras são comuns às casas da terceira fila, que dão para o lado oposto da rua e correspondem a um aluguel mais alto que os das casas da segunda fila, mas inferior ao das casas da primeira. A disposição geral é mais ou menos a da página seguinte.

Com esse sistema, a ventilação das casas da primeira fila é bastante boa e a daquelas da terceira fila pelo menos não é pior que a das edificações erguidas no velho sistema; em compensação, a fila do meio é tão mal arejada quanto as habitações nos pátios e as ruelas dos fundos são tão sujas quanto os pátios. Os empreiteiros preferem esse sistema porque poupa espaço e permite-lhes explorar ainda mais os trabalhadores que ganham melhores salários, cobrando-lhes os aluguéis mais caros das casas da primeira e da terceira filas.

¹⁰ E, no entanto, um sábio liberal inglês afirmou numa ocasião – no relatório da *Children's Employment Commission* [Comissão sobre o trabalho infantil] – que esses pátios são uma obra-prima da urbanística porque, tal como uma série de pequenas praças públicas, melhoram a circulação do ar e a ventilação! Sem dúvida... se cada pátio tivesse dois ou quatro acessos amplos, abertos e sem cobertura, por onde o ar pudesse circular, mas eles *nunca* têm dois, raramente têm um acesso, quase sempre estreito e coberto.



Em toda a cidade de Manchester, assim como em todo o Lancashire e o Yorkshire, encontramos moradias operárias edificadas por um dos três sistemas de construção que mencionamos; eles são perfeitamente identificáveis e, com base neles, podemos deduzir a idade relativa dos diversos bairros da cidade. O terceiro sistema, aquele das *ruas dos fundos*, predomina nitidamente no grande bairro operário a leste da St. George's Road, dos dois lados da Oldham Road e da Great Ancoats Street e é também o mais comum nos outros bairros operários de Manchester e em seus arredores.

É no grande bairro que acabamos de mencionar, conhecido pelo nome de Ancoats, que está instalada, ao longo dos canais aí existentes, a maior parte das fábricas mais importantes de Manchester, gigantescos edifícios de seis ou sete pisos que dominam do alto, com suas esguias chaminés, as casas baixas dos operários. A população do bairro compõe-se principalmente de operários fabris e, nas piores ruas, de tecelões manuais. As ruas situadas nas imediações do centro da cidade são as mais velhas e, portanto, as piores – mas são pavimentadas e dispõem de rede de esgoto; incluem nesse rol as paralelas mais próximas à Oldham Road e à Great Ancoats Street. Mais além, no sentido norte, encontramos ruas de construção recente: nelas, as casas são graciosas e cuidadas, com portas e janelas novas e envernizadas e seu interior é limpo; as próprias ruas são mais arejadas, com espaços livres maiores e mais numerosos. No entanto, é assim parte das casas, não a maioria; ademais, quase todas têm porões que também são habitados; e é preciso dizer que há muitas ruas que não são pavimentadas nem têm rede de esgoto. Tudo isso significa que o bom aspecto da área não vai durar muito – talvez uns dez anos.

De fato, esse tipo de construção não é menos condenável que a disposição das ruas. À primeira vista, essas casas se mostram bonitas e sólidas, as paredes maciças encham os olhos de quem passa e, se se percorre uma dessas ruas operárias de *construção recente* sem atentar para as ruas dos fundos e observar melhor a construção das casas, é quase impossível discordar da opinião dos industriais liberais, segundo a qual em nenhuma parte os operários estão tão bem alojados quanto na Inglaterra. Mas uma observação cuidadosa mostra que as paredes dessas casas são as mais finas; as externas, que sustentam toda a estrutura (o porão, o piso térreo e o telhado), têm, quando muito, a espessura de um tijolo – os tijolos ajustam-se lado a lado, horizontalmente, no sentido do comprimento. Todavia, pude ver muitas casas da mesma altura – algumas ainda em construção – em que as paredes externas não eram mais que paredes de meio-tijolo, ou seja, eles vinham justapostos pelo lado mais estreito, não do comprimento e sim da largura.

Esse procedimento é utilizado não só para economizar material, mas ainda porque os construtores nunca são os proprietários dos terrenos – segundo o costume inglês, os construtores alugam o terreno por vinte, trinta, quarenta, cinquenta ou mesmo noventa anos, ao fim dos quais o proprietário o recupera com todas as benfeitorias, sem pagar nada por elas. Por isso, o locatário do terreno calcula o preço das benfeitorias de forma a que tenham o menor valor possível ao final da locação; na medida em que casas com a destinação destas só são construídas vinte ou trinta anos antes do fim do contrato, compreende-se por que os construtores queiram gastar o mínimo possível. Ademais, os construtores (em geral, mestres de obras, carpinteiros ou industriais) quase não fazem consertos nas casas, seja porque não querem reduzir os ganhos que obtêm com os aluguéis, seja porque o contrato de locação do terreno está chegando ao término, seja enfim porque, em razão das crises comerciais que geram desemprego, muitas casas ficam vagas e acabam se deteriorando. Com efeito, estima-se que as casas operárias são habitáveis, em média, por apenas quarenta anos – o que causa estranheza quando vemos as belas paredes das casas novas, que parecem prometer uma duração secular; mas é assim mesmo: a avareza que preside a construção, a ausência sistemática de reparos, a frequência com que permanecem desabitadas, a incessante alternância dos locatários e, também, a depredação (em geral, vigas de madeira são arrancadas para garantir o fogo) realizada por eles (a maioria, irlandeses) nos últimos dez anos de habitabilidade fazem com que essas casas, ao fim de quarenta anos, estejam em ruínas. É por isso que a região de Ancoats, cujas construções

datam do período do desenvolvimento industrial, a maioria edificada neste século, já conta com grande quantidade de casas velhas e deterioradas, a maior parte das quais encontrando-se no último estágio de habitabilidade. Não pretendo indicar aqui a magnitude de capitais que foram assim desperdiçados, nem o fato de que, com um investimento inicial um pouco maior e com cuidados regulares de reparação, toda essa área poderia ser conservada, por muitos anos, num estado conveniente de limpeza e habitabilidade. Interessa-me apenas a situação das casas e de seus habitantes e, a esse propósito, deve-se dizer que esse é o sistema mais nefasto e moralmente degradante de alojar trabalhadores.

O operário é constringido a viver nessas casas já arruinadas porque não pode pagar o aluguel de outras em melhor estado, porque não existem moradias menos ruins na vizinhança das fábricas ou porque, ainda, elas pertencem ao industrial e este só emprega os que aceitem habitá-las. É óbvio que a duração média assinalada de quarenta anos não é rígida: se as construções se situam num bairro de alta densidade populacional e se, apesar do aluguel do terreno ser caro, há sempre a possibilidade de encontrar locatários, os construtores fazem algo para conservá-las em condições de relativa habitabilidade por mais tempo – mas o que fazem é sempre o mínimo indispensável e as reparações cobrem especialmente as casas em piores condições. De quando em vez, diante da ameaça de epidemias, a sonolenta consciência dos serviços de higiene é despertada: então, empreendem-se incursões aos bairros operários e interditam-se inúmeros porões e casas – como ocorreu, por exemplo, em várias ruelas nas cercanias de Old-ham Road; mas isso dura pouco, porque logo as mesmas casas voltam a ser ocupadas por novos inquilinos e os proprietários, de novo com os imóveis alugados, têm uma vantagem a mais: sabem bem que a vigilância sanitária não voltará tão cedo!

Essa parte de Manchester, a leste e a nordeste, é a única na qual a burguesia deixou de instalar-se, e por uma razão de monta: o vento dominante, que, por dez ou onze meses do ano, vem do oeste ou do sudoeste, espalza sobre ela a fumaça de todas as fábricas. Essa fumaça, que sejam os operários os únicos a respirá-la.

Ao sul da Great Ancoats Street estende-se um grande bairro operário, apenas parcialmente coberto por edificações: uma faixa de terra sem vegetação, moldurada por colinas, na qual se dispõem desordenadamente filas ou grupos isolados de casas, separados por espaços desertos, irregulares, argilosos, sem cobertura vegetal e, após as chuvas, quase intransitáveis. As

casas são todas velhas e sujas, em geral situadas em depressões do terreno, lembrando a situação da cidade nova.

A parte do bairro que é cortada pela ferrovia que leva a Birmingham é aquela em que as casas estão mais amontoadas e, por isso, é a pior. Aí, o Medlock, escorrendo num vale por numerosos meandros, parece-se muito, em alguns locais, com o Irk. De sua entrada na cidade à confluência com o Irwell, em suas margens – entre as quais a água é negra como breu, imunda e nauseante – enfileira-se um cinturão de fábricas e de habitações operárias e estas se encontram nas piores condições possíveis. As margens são escarpadas e as edificações descem até o rio, tal como no Irk, e as casas e as ruas estão igualmente mal construídas por todos os lados – Manchester, Ardwick, Chorlton e Hulme. O lugar mais repugnante – se eu me dispusesse a relatar com cuidado o exame de todos os lugares nunca chegaria ao fim – situa-se no lado de Manchester, a sudoeste da Oxford Road: chama-se *Pequena Irlanda* (*Little Ireland*).

Numa curva do Medlock, numa depressão profunda do terreno, inteiramente circundada por fábricas e aterros, encontram-se, divididas em dois grupos, cerca de duzentas casas, em que a parede posterior geralmente é comum a duas moradias; aí residem em torno de 4 mil pessoas, quase todas irlandesas. As casas são velhas, sujas e do tipo mais exíguo; as ruas, irregulares e nem todas pavimentadas, não são niveladas nem há rede de esgoto; imundície e lama, em meio a poças nauseabundas, estão por toda parte; daí a atmosfera, já enegrecida pela fumaça de uma dúzia de chaminés de fábricas, ser empestada. Vagueiam aí mulheres e crianças esfarrapadas, tão sujas como os porcos que chafurdam na imundície e na lama. Em suma, o lugar tem um aspecto ainda mais repugnante que as piores áreas do Irk. Aqueles que vivem nessas casas em ruínas, por detrás dessas janelas quebradas nas quais se prendeu tecido oleado, por detrás dessas portas rachadas e com batentes podres, ou nesses porões úmidos e sem luz, no meio dessa sujeira e desses miasmas, numa atmosfera que parece intencionalmente produzida para asfixiar – quem aí vive deve realmente situar-se no mais baixo escalão da humanidade. Essa é a impressão e a conclusão que se impõem ao observador que vê o aspecto exterior desse bairro. Mas, então, o que dizer quando tomamos conhecimento¹¹ de que, em cada uma dessas minúsculas casas (que têm, quando muito, duas divisões e um sótão e, por vezes, um porão),

¹¹ Doutor Kay, op. cit. [A informação encontra-se nas p. 35-6 da fonte citada por Engels. (N.E.)]

vivem em média vinte pessoas e que, em todo o bairro, para cada 120 pessoas há apenas uma instalação sanitária (quase sempre ocupada, é claro) e que, apesar de toda a pregação dos médicos, apesar da agitação provocada na vigilância sanitária por ocasião da epidemia de cólera, quando vieram à tona as condições da *Pequena Irlanda* – em pleno ano da graça de 1844 –, o que dizer hoje quando sabemos que aqui praticamente nada mudou desde 1831? O doutor Kay relata que, aqui, não apenas os porões são úmidos, mas também os pavimentos térreos; quanto aos porões, ele informa que foram aterrados anteriormente, mas depois desaterrados para servir a irlandeses; num deles, em que o nível do chão ficava abaixo do nível do rio, a água saía continuamente de um buraco de escoamento tampado com argila, a ponto de todas as manhãs o inquilino, um tecelão manual, ter de esvaziar a habitação, jogando a água no rio.

Um pouco mais abaixo, na margem esquerda do Medlock, encontra-se Hulme, que não é mais que um grande bairro operário cujas condições são muito semelhantes às de Ancoats. As áreas de grande densidade habitacional estão geralmente em péssimo estado e quase sempre em ruínas; as áreas menos populosas, com construções mais modernas e arejadas, nem por isso estão livres da lama. As casas são quase sempre úmidas, com uma ruela nos fundos e porões habitados. Na margem oposta, na Manchester propriamente dita, existe um outro grande bairro operário, que se estende pelos dois lados da Deansgate até o bairro comercial e que, em alguns locais, não causa inveja à cidade velha. De fato, nas vizinhanças imediatas do bairro comercial, entre a Bridge Street e a Quay Street, entre a Princess Street e a Peter Street, em certos lugares o amontoamento das edificações é tal que ultrapassa o que se verifica nos mais estreitos pátios da cidade velha. Nessas vizinhanças encontram-se vielas compridas, entre as quais multiplicam-se pátios e passagens estreitos e tortuosos, cujas entradas e saídas são dispostas de modo tão desordenado que, nesse labirinto, o passante que não o conhece profundamente se vê num beco sem saída ou se perde de todo. Nesses espaços diminutos, arruinados e sujos é que vive, segundo o doutor Kay, a classe mais amoral de toda a Manchester, vinculada ao furto ou à prostituição – e, ao que parece, seu juízo permanece válido ainda agora. Quando, em 1831, a vigilância sanitária fez aí uma inspeção, encontrou uma insalubridade tão grande quanto a das margens do Irk ou da *Pequena Irlanda* (e eu posso testemunhar que, hoje, as coisas não se alteraram); encontrou uma única instalação sanitária para 380 pessoas na Parliament Street é também uma única latrina para trinta casas super-habitadas na Parliament Passage.

Atravessando o Irwell, encontramos, numa península do rio, a cidade de Salford, que tem 80 mil habitantes e não passa de um enorme bairro operário atravessado por uma única e larga estrada. Salford, outrora mais importante que Manchester, era então o principal centro do distrito circundante, ao qual ainda empresta o nome (Salford Hundred) – por isso, aqui também há um bairro muito velho e, conseqüentemente, insalubre, sujo e em ruínas, localizado na direção frontal da velha igreja de Manchester e em condições tão ruins como a cidade velha, na outra margem do rio. A uma certa distância do rio estende-se um bairro mais novo, que data de uns quarenta anos e, por isso mesmo, apresenta-se deteriorado. Toda a Salford é dividida em pátios e vielas tão exíguos que me recordaram os becos mais estreitos que conheci em Gênova. Sob esse aspecto, a arquitetura de Salford é muito pior que a de Manchester e o mesmo se pode dizer da limpeza. Se, em Manchester, a vigilância sanitária vez por outra – a cada seis ou dez anos – inspeciona os bairros operários, interditando as habitações mais sórdidas e limpando os recantos mais imundos desses estábulos de Áugias, parece que em Salford nem sequer isso acontece. As ruelas transversais e os pátios de Chapel Street, Greengate e Gravel Lane com certeza nunca foram limpos desde sua construção; hoje, a ferrovia para Liverpool corta-os do alto de um viaduto e fez desaparecer muitos dos recantos mais sujos – e o que foi alterado? Passando pelo viaduto, ainda se pode ver de cima muita podridão e miséria; e se se dá o trabalho de percorrer as ruelas, de olhar porões e casas através das portas e janelas abertas, verifica-se sempre que os operários de Salford vivem em habitações nas quais é impossível qualquer conforto ou limpeza. A mesma situação é a de bairros mais afastados de Salford, como em Islington, junto da Regent Road e por trás da ferrovia que leva a Bolton. As moradias operárias entre a Oldfield Road e Cross Lane, bem como inúmeras vielas e pátios nos dois lados da Hope Street, estão nas piores condições possíveis, rivalizando em sujeira e densidade habitacional com a cidade velha de Manchester. Nesse rincão encontrei um homem, aparentando sessenta anos, que vivia num estábulo – construía-o num buraco quadrangular, sem janela e com chão de terra, fizera uma espécie de catre e ali morava, com a chuva a lhe cair do teto precário; idoso e fraco para suportar um trabalho regular, sobrevivia transportando estrume num carrinho de mão – e tinha um mar de esterco diante de seu estábulo.

Essa é uma descrição dos diversos bairros operários de Manchester, tais como os observei durante vinte meses. Resumindo o resultado de nosso per-

curso através deles, diremos que 350 mil operários de Manchester e arredores vivem quase todos em habitações miseráveis, úmidas e sujas; que a maioria das ruas pelas quais têm de passar se encontra num estado deplorável; extremamente sujas, essas vias foram abertas sem qualquer cuidado com a ventilação, sendo a única preocupação o máximo lucro para o construtor. Em síntese, nas moradias operárias de Manchester não há limpeza nem conforto e, portanto, não há vida familiar possível; só podem sentir-se à vontade nessas habitações indivíduos desumanizados, degradados, fisicamente doentios e intelectual e moralmente reduzidos à bestialidade. Não sou o único a afirmá-lo; vimos como o doutor Kay oferece um relato inteiramente análogo e cabe citar ainda as palavras de um liberal, uma autoridade reconhecida e muito apreciada pelos industriais, um adversário fanático de qualquer movimento operário autônomo – as palavras do senhor N. W. Senior¹²:

Quando visitei as habitações dos operários das fábricas na área irlandesa, em Ancoats e na "Pequena Irlanda", meu único espanto foi ver como era possível conservar-se razoavelmente a saúde em tais moradias. Essas cidades – porque, pela extensão e população, trata-se de cidades – foram construídas com o máximo desprezo por tudo o que não fosse o lucro imediato dos especuladores dela encarregados. Um carpinteiro e um pedreiro associam-se para comprar [quer dizer, para alugar por um certo número de anos] uma série de locais para construção e para edificar neles pretensas casas; num lugar, encontramos uma rua inteira que seguia o curso de uma vala, para que se pudesse ter porões profundos sem os custos de escavação, porões que não se destinavam a depósitos ou despensas, mas a habitações de seres humanos. *Nenhuma das casas dessa rua escapou à cólera*^a. E, em geral, as ruas dessas zonas não são pavimentadas, têm estrume e poças, as casas estão coladas umas às outras pela parede posterior, não dispõem de ventilação nem de esgoto – e famílias inteiras são obrigadas a viver no canto de um porão ou de um sótão.

Já mencionei a invulgar atividade que a vigilância sanitária exercitou quando da epidemia de cólera em Manchester. Quando a epidemia deu seus primeiros sinais, uma onda de pavor envolveu a burguesia da cidade. De súbito, ela se recordou da insalubridade dos bairros pobres – e tremeu com a certeza de que cada um desses bairros miseráveis iria se constituir num foco da epidemia, a partir do qual a cólera estenderia seus tentáculos na direção das residências da classe proprietária. Rapidamente se designou

¹² Nassau W. Senior, *Letters on the Factory Act to the Rt. Hon. President of the Board of Trade* [Cartas sobre a lei das fábricas dirigidas ao muito honorável presidente do Conselho de Comércio] (Chas. Poulett Thomson Esq.) (Londres, 1837), p. 24.

^a O itálico é de Engels.

uma comissão de higiene para inspecionar aqueles bairros e preparar um relatório rigoroso de suas condições ao Conselho Municipal. O doutor Kay, membro da comissão que visitou cuidadosamente todos os distritos em que se dividia a cidade (com exceção do undécimo), publicou extratos de seu relatório. Ao todo foram inspecionadas 6.951 casas – naturalmente apenas em Manchester, com a exclusão de Salford e dos outros arredores –, das quais 2.565 precisavam de caiação interior urgente, 960 necessitavam de reparos imediatos (*were out of repair*), 939 não tinham rede de esgoto suficiente, 1.435 eram mal ventiladas e 2.221 não dispunham de instalações sanitárias. Das 687 ruas inspecionadas, 248 não estavam pavimentadas e 53 só o estavam parcialmente, 112 eram mal ventiladas e 352 estavam tomadas por poças permanentes, montes de lixo etc.^a. É claro que não seria possível higienizar esses estábulos de Áugias antes da chegada da cólera – por isso, contentaram-se em limpar os piores cantos e deixar o resto como estava; é óbvio que, meses depois, nos lugares limpos imperava a velha imundície, como o demonstra a *Pequena Irlanda*. Quanto ao estado interno das habitações inspecionadas, a comissão diz mais ou menos o que já sabemos de Londres, Edimburgo e outras cidades:

Freqüentemente, toda uma família irlandesa^b se amontoa numa única cama que é em geral um monte de palha seca e de trapos de sacos velhos, cobrindo um confuso amálgama de seres, igualmente aviltados pelas privações, pelo embrutecimento e pelo desemprego. Inúmeras vezes, os inspetores encontraram, numa habitação de dois cômodos, duas famílias: num cômodo, todos dormiam juntos; o outro era a cozinha e o espaço comum das refeições. Com freqüência também, mais de uma família habitava um porão úmido, onde doze a dezesseis pessoas viviam num só espaço, amontoadas numa atmosfera pestilenta. A isso e a outros focos de doença somava-se o fato de, nesse mesmo espaço, criarem-se porcos, além de outras situações verdadeiramente abjetas.¹³

Devemos acrescentar que numerosas famílias, dispondo de apenas um cômodo, não obstante recebem pensionistas e hóspedes por noite em troca de algum dinheiro e não é raro que pensionistas e hóspedes de ambos os sexos se deitem na mesma cama com o casal. Sabe-se do caso, registrado em Manchester por seis vezes e divulgado no “Relatório sobre as condições

^a Para coligir esses dados, parece que Engels se valeu, além da fonte citada (James Ph. Kay), dos trabalhos de P. Gaskell e de A. Slaney.

^b A palavra *irlandesa* foi acrescentada por Engels.

¹³ James Ph. Kay, op. cit., p. 32.

sanitárias da classe operária”, de um homem que dormia na mesma cama com sua mulher e com sua cunhada adulta. Também aqui os albergues são inúmeros; para a Manchester de 1831, o doutor Kay os estimava em 267; hoje, devem ser mais numerosos. Cada um abriga de vinte a trinta hóspedes, num total geral aproximado de 5 a 6 mil pessoas por noite. A natureza desses albergues e de sua clientela é a mesma que verificamos em outras cidades; em cada quarto, cinco a sete colchões diretamente sobre o piso e sobre eles instalam-se, todas misturadas, o maior número possível de pessoas; é desnecessário descrever a atmosfera física e moral que reina nesses antros de vício. Cada um desses albergues é um centro de crimes e cenário de atos que repugnam à consciência humana e que nunca se perpetrariam não fora essa concentração forçada de imoralidade.

De acordo com Gaskell¹⁴, o número de indivíduos que vivem em porões, apenas em Manchester, é de 20 mil; nessa condição, o *Weekly Dispatch* indica, “segundo relatórios oficiais”, o percentual de 12% da classe operária, e essa avaliação parece corresponder a outra – de fato, calculando em 175 mil os operários, 12% equivalem a cerca de 21 mil^a. Mas, nos arredores da cidade, as habitações em porões são no mínimo igualmente numerosas e, em consequência, o quantitativo de pessoas que vivem em subsolos no aglomerado de Manchester não é inferior a 40 ou 50 mil.

Eis o que se pode afirmar acerca das habitações dos operários nas grandes cidades: o modo como é satisfeita a necessidade de um teto é um critério que nos permite saber como são satisfeitas as outras necessidades. É

¹⁴ P. Gaskell, *The Manufacturing Population of England, its Moral, Social and Physical Condition, and the Changes which have arising from the Use of Steam Machinery, with an Examination of Infant Labour. Fiat Justitia* [A população dos operários fabris na Inglaterra, sua condição moral, social e física e as mudanças causadas pela utilização de máquinas a vapor. Com uma investigação sobre o trabalho infantil. Que a justiça seja feita], (Londres, 1833). Descreve principalmente as condições dos operários do Lancashire. O autor é um liberal, mas escrevia num tempo em que ainda não era tarefa do liberalismo louvar a “felicidade” dos operários – por isto, ainda não tem preconceitos e pode ver os males do regime vigente, particularmente do sistema fabril. Por outra parte, ele escreve antes da *Factories Inquiry Commission* [Comissão de Investigação sobre as Fábricas], extraído de fontes duvidosas muitas afirmações que, posteriormente, foram refutadas pelo relatório da comissão. Por essa razão, e porque o autor, assim como Kay, confunde a classe operária em geral com a classe dos operários fabris em particular, a obra, sendo boa no conjunto, deve ser utilizada com cautela no que tange a aspectos específicos. A história da evolução do proletariado que reportamos na Introdução foi, em grande parte, extraída dessa obra.

^a “Wild Beast and Rational Beings” [Animais selvagens e seres racionais], *Weekly Dispatch*, n. 2.219, 5 de maio de 1844.

muito fácil concluir que nesses sujos covis só pode morar uma população esfarrapada e mal alimentada. Justa conclusão. As roupas da esmagadora maioria dos operários estão em péssimas condições, os tecidos empregados em sua confecção são os menos apropriados e o linho e a lã quase desapareceram do vestuário de homens e de mulheres, substituídos pelo algodão; as camisas são de algodão branco ou colorido e as roupas femininas são de chita estampada; nos varais, raramente se veem secar roupas interiores de lã. Em sua maior parte, os homens usam calças de fustão ou de qualquer outro tecido grosso de algodão e casacos e paletós do mesmo pano. Os paletós de fustão (*fustian*) tornaram-se o traje típico dos operários, estes os chamam de *fustian-jackets*, mesma denominação utilizada por eles para se referirem a si mesmos em oposição aos cavalheiros que se vestem com lã (*broad-cloth*), expressão também empregada para designar a classe média; quando veio a Manchester, durante a insurreição de 1842^a, Fergus O'Connor, líder dos cartistas, apareceu com um paletó de fustão, arrancando aplausos entusiasmados dos operários. Na Inglaterra, o uso do chapéu é generalizado, inclusive entre os operários – chapéus das mais variadas espécies, redondos, cônicos e cilíndricos, com abas largas ou estreitas; bonés só são usados nas cidades industriais pelos mais jovens; quem não tem um chapéu, faz para si mesmo, com papelão, um gorro baixo e quadrangular.

Todo o vestuário dos operários – mesmo supondo-se que esteja em boas condições – é pouco adequado ao clima. O ar úmido da Inglaterra, onde as bruscas mudanças do tempo provocam rápidas quedas de temperatura, obriga quase toda a classe média a trazer roupas de flanela sobre a pele do tórax, e é quase generalizado o uso de cachecóis, camisas e casacos de flanela. A classe operária não só desconhece essa precaução, como ainda dificilmente tem condições de proteger-se com um só fio de lã. Os pesados tecidos de algodão, embora frequentemente mais grossos e densos que os de lã, protegem muito menos que estes da umidade e do frio – por sua espessura e sua própria natureza, conservam-se úmidos por mais tempo e em geral são muito mais permeáveis que a lã cardada. E se

^a A “insurreição de 1842” designa a greve de agosto de 1842 em algumas áreas industriais (Lancashire e Yorkshire, especialmente), durante a qual, em algumas cidades, ocorreram confrontos armados entre operários e forças policiais (que contaram com a ajuda do exército). Mais adiante, Engels deter-se-á sobre esse evento.

alguma vez, excepcionalmente, o operário pode comprar um paletó de lã para uso dominical, vai às lojas mais barateiras – onde lhe oferecem um tecido ordinário chamado *devil's dust*^a, feito “só para ser vendido, não para ser usado”, e que ao fim de quinze dias está esgarçado ou rasgado – ou então dirige-se às lojas de roupas usadas, onde consegue uma peça meio puída, que já teve dias melhores e em pouco tempo estará imprestável. Mencione-se ainda o mau estado das roupas da maioria dos trabalhadores e a necessidade em que se veem frequentemente de levar as poucas peças apresentáveis às casas de penhores. Todavia, para um grande, imenso número deles, principalmente para os de origem irlandesa, as roupas não passam de verdadeiros farrapos, já impossíveis de remendar ou de reconhecer a cor original em razão da quantidade de remendos. No entanto, os ingleses e os anglo-irlandeses continuam a remendá-las e tornaram-se mestres nessa arte – pedaços de lã ou juta sobre fustão e vice-versa, pouco lhes importa; já os autênticos emigrados irlandeses, esses quase nunca remendam, apenas em casos absolutamente extremos, quando a roupa corre o risco de desmanchar-se; é comum vê-los com camisas rotas, cujas tiras pendem através dos rasgos do casaco ou das calças; nas palavras de Thomas Carlyle:

[usam] um paletó tão esfarrapado que vesti-lo ou despi-lo representa uma das operações mais difíceis, à qual só se procede em dias de festa ou em ocasiões particularmente favoráveis.¹⁵

Os irlandeses também introduziram na Inglaterra o costume, antes desconhecido, de andar descalço. Hoje, em todas as cidades industriais, veem-se muitíssimas pessoas, sobretudo mulheres e crianças, andando descalças e pouco a pouco esse hábito vai se difundindo entre os ingleses pobres.

O que é verdade para o vestuário, é-o também para a alimentação. Aos trabalhadores resta o que repugna à classe proprietária. Nas grandes cidades da Inglaterra, pode-se ter de tudo e da melhor qualidade, mas a preços proibitivos e o operário, que deve sobreviver com poucos recursos, não pode pagá-los. Ademais, o operário, na maior parte dos casos, recebe seu salário somente no sábado à tarde (alguns pagamentos começaram a ser

^a Literalmente: *poeira do diabo*; tecido à base de fibras de lã de má qualidade. A expressão deriva do fato de, em inglês, a máquina com a qual se processavam essas fibras chamar-se *devil*.

¹⁵ Thomas Carlyle, *Chartism* [Cartismo] (Londres, 1840), p. 28. Sobre Carlyle, veja-se adiante. [Para essa referência de Engels, cf. nota 3, p. 324. (N.E.)]

feitos na sexta-feira à noite, mas esse sistema ainda não está generalizado) e, por isso, só vai ao mercado no final do sábado, por volta das quatro, cinco e até sete horas, quando o que havia de bom já foi comprado pela classe média. Pela manhã, o mercado transborda de coisas boas; mas quando chega o operário, esses produtos já acabaram – e ainda que lá estivessem, ele muito provavelmente não poderia comprá-los. Em geral, as batatas que adquire são de má qualidade, os legumes estão murchos, o queijo envelhecido é mau, o toucinho é rançoso e a carne é ressequida, magra, muitas vezes de animais doentes e até mesmo já em decomposição. Frequentemente, os vendedores são pequenos varejistas que compram mercadorias ordinárias em quantidade e as revendem a preço baixo exatamente por causa de sua má qualidade. Os operários mais pobres, para sobreviver com o pouco que ganham, devem recorrer – mesmo para adquirir produtos muito inferiores – a um artifício: como à meia-noite de sábado as mercearias têm de fechar e nada pode ser vendido no domingo, as sobras que se estragariam até segunda-feira de manhã são liquidadas, a partir das dez horas da noite do sábado, a preços irrisórios, embora nove décimos desses restos já não sejam comestíveis no domingo de manhã; mas precisamente essas sobras constituem o prato dominical da classe mais pobre, que as compra. Nessas circunstâncias, a carne vendida aos operários é intragável; porém, uma vez comprada, é consumida.

Em 6 de janeiro de 1844 (salvo erro meu)^a, reuniu-se o Tribunal do Mercado (*court leet*) de Manchester, que condenou onze açougueiros por venda de carne imprópria para consumo. Cada um deles ainda possuía um boi ou um porco inteiros, ou vários carneiros ou 50 a 60 libras de carne – tudo apreendido em função do estado impróprio em que se encontrava; e de um deles se confiscaram, já putrefatos, 64 gansos de Natal, recheados, que não haviam sido vendidos em Liverpool e foram transportados para Manchester. Esse episódio, com os nomes dos condenados e as respectivas multas, foi relatado pelo *Manchester Guardian*. Entre as seis semanas decorridas de 1º de julho a 14 de agosto, o mesmo jornal noticiou três casos análogos: de acordo com a edição de 3 de julho, foi apreendido em Heywood um porco de 200 libras, cuja carne putrefata estava à venda; a edição de 31 de julho informa que dois açougueiros de Wigan, um dos quais já acusado

^a Engels enganou-se quanto à data: o que vai narrar foi documentado na edição de 10 de maio de 1843 do *Manchester Guardian*. Esse jornal, fundado em Manchester por J. E. Taylor em 1821, foi o primeiro porta-voz dos livre-cambistas e, depois, o órgão do Partido Liberal.

antes pelo mesmo delito, foram condenados a pagar multas, respectivamente, de duas e quatro libras esterlinas por venderem carne imprópria para o consumo; e, conforme a edição de 10 de agosto, numa mercearia de Bolton apreenderam-se 26 presuntos deteriorados: foram queimados em fogueira pública e o comerciante foi obrigado a pagar uma multa de 20 *shillings*.

No entanto, essas são ilustrações que obviamente não nos dão conta de todos os casos, nem ao menos representam, para essas seis semanas, uma média pela qual pudéssemos calcular um percentual anual. Há períodos em que cada edição do *Manchester Guardian*, que sai duas vezes por semana, relata um caso semelhante em Manchester ou nas vizinhanças. Se se considera que muitos casos permanecem impunes, dada a extensão dos mercados às margens das principais ruas, e escapam às raras investidas da fiscalização (de outro modo, como se explicaria o despudor com que essas peças inteiras de gado são postas à venda?); se se pensa que a tentação de vender carne estragada deve ser enorme, uma vez que as multas (como vimos acima) são incompreensivelmente pequenas; se se imagina, enfim, em que condições deve estar a carne para ser apreendida pelos fiscais como absolutamente imprópria para o consumo – se se leva em conta tudo isso, é impossível acreditar que, em geral, os operários possam comprar uma carne saudável e nutritiva.

Os operários, entretanto, ainda são ludibriados de outra maneira pela cupidez da classe média. Os varejistas e os fabricantes adulteram todos os gêneros alimentícios do modo mais irresponsável, com inteiro desprezo pela saúde dos que devem consumi-los. Acima, demos a palavra ao *Manchester Guardian*; agora, escutemos o que diz outro jornal da classe média – agrada-me recolher os testemunhos de meus adversários –, escutemos o *Liverpool Mercury*:

Vende-se manteiga salgada como manteiga fresca, cobrindo-a com uma camada de manteiga fresca ou colocando à mostra uma libra de manteiga fresca para ser provada e, depois da prova, vendendo manteiga salgada ou, ainda, retirando o sal pela lavagem e apresentando-a como fresca. Ao açúcar, mistura-se farinha de arroz ou outros gêneros baratos, assim vendidos a preços altos; até mesmo resíduos de sabão são misturados a outras substâncias e vendidos no açúcar. Mistura-se chicória ou outros produtos de baixo preço ao café moído; ao café não moído, dando-se-lhes forma de grãos, também se misturam outros artigos. Também é freqüente misturar-se ao cacau uma finíssima terra escura que, banhada em gordura de carneiro, deixa-se mesclar facilmente com o cacau verdadeiro. O chá vem misturado com folhas de ameixeira e outros vegetais, ou então folhas de chá já servidas são recuperadas, tostadas em alta temperatura sobre placas de cobre para que retomem a cor e vendidas em seguida. A pimenta é adulterada com cascas de nozes moídas etc. O vinho do Porto é literalmente falsificado (com corantes, álcool

etc.), uma vez que se bebe mais na Inglaterra do que todo o Porto produzido em Portugal. E o tabaco é mesclado a substâncias de toda espécie, qualquer que seja a forma sob a qual é posto à venda.^a

(Posso acrescentar que, em virtude da falsificação geral do tabaco, universalmente difundida, alguns dos mais respeitados tabaqueiros de Manchester declararam publicamente, no verão passado, que nenhuma firma poderia subsistir sem adulterar o produto e que nenhum cigarro com preço inferior a três *pence* é composto apenas por tabaco.)

É evidente que, as adulterações não se limitam aos gêneros alimentícios e eu poderia citar mais uma dúzia delas – entre outras, a prática infame de misturar gesso ou argila à farinha. Recorre-se à fraude na venda de toda sorte de produtos: flanelas e peças de roupas são esticadas para que pareçam maiores e encolhem à primeira lavagem; cortes de tecido são vendidos como se tivessem uma largura de duas ou três polegadas a mais; a louça recebe uma camada tão fina de esmalte que praticamente não é esmaltada e lasca com facilidade – e mais um sem número de expedientes vergonhosos, *tout comme chez nous*^b.

No entanto, são os operários que pagam o ônus principal desses logros. O rico não é enganado porque pode pagar os preços altos dos grandes estabelecimentos comerciais, que devem zelar por seu bom nome e prejudicariam a si mesmos se vendessem mercadorias de baixa qualidade ou adulteradas; o rico, acostumado à boa mesa, tem o paladar apurado e descobre a fraude com mais facilidade. Todos os gêneros falsificados, ou até envenenados, destinam-se ao pobre, ao operário – para quem uns poucos centavos representam muito, que tem de comprar muitas coisas com pouco dinheiro, que não tem o direito nem a possibilidade de avaliar a qualidade, mesmo porque nunca dispôs da oportunidade de educar seu gosto. Ele deve procurar as pequenas lojas, onde muitas vezes pode comprar a crédito, lojas que, em função de seu pequeno capital e de suas desvantagens diante dos atacadistas, estão impossibilitadas de vender mercadorias da mesma qualidade ao mesmo preço dos grandes estabelecimentos e que, por causa dos preços baixos que lhes pedem seus fregueses e da concorrência, são constrangidas a fornecer, intencionalmente ou não, produtos adulterados. Por outra parte, se, para um grande comerciante que investiu

^a A fonte de Engels é a edição do *Liverpool Mercury*, de 9 de fevereiro de 1844; mas a citação não é literal: Engels resume o conteúdo da matéria publicada.

^b Em francês, no original: “exatamente como entre nós”.

em seu negócio um capital considerável, a descoberta de uma fraude pode significar a ruína, uma vez que perde crédito, para um pequeno varejista, que tem sua freguesia numa única rua, que lhe importa ser acusado de fraude? Se perde a credibilidade em Ancoats, muda-se para Chorlton ou Hulme, onde ninguém o conhece, e retoma a prática fraudulenta – ademais, a legislação pune apenas algumas falsificações, exceto se vierem acompanhadas de fraudes fiscais.

Mas não é só no que toca à qualidade que o operário inglês é logrado; também o é no que tange à quantidade. Em sua grande maioria, os pequenos comerciantes têm medidas e pesos adulterados e os relatórios policiais registram diariamente um número incrível de delitos desse gênero. Alguns excertos do *Manchester Guardian* revelam a que ponto esse tipo de fraude está generalizado nos bairros operários – observe-se que dizem respeito a um curto lapso de tempo e que, mesmo para esse período breve^a, não posso recorrer a *todas* as edições do jornal:

- edição de 16 de junho de 1884. Sessões do Tribunal de Rochdale: quatro merceeiros condenados a pagar multas de cinco a dez *shillings* por uso de pesos falsificados. Sessões do Tribunal de Stockport: dois merceeiros condenados a pagar multas de um *shilling*; um deles usava sete pesos falsificados e uma balança viciada; ambos já haviam sido advertidos;

- edição de 19 de junho. Sessões do Tribunal de Rochdale: multas a um merceeiro (cinco *shillings*) e a dois camponeses (dez *shillings*);

- edição de 22 de junho. Tribunal de Paz de Manchester: dezenove merceeiros condenados a pagar multas (de 2,5 *shillings* a 2 libras);

- edição de 26 de junho. Sessão do Tribunal de Ashton: catorze merceeiros e camponeses condenados a pagar multas (de 2,5 *shillings* a 1 libra). Sessão breve do Tribunal de Hyde: nove camponeses e merceeiros condenados a pagar multas de cinco *shillings*, mais as custas judiciais;

- edição de 6 de julho. Manchester: dezesseis merceeiros condenados a pagar multas de até dez *shillings*, mais as custas judiciais;

- edição de 13 de julho. Manchester: nove merceeiros condenados a pagar multas (de 2,5 a 20 *shillings*);

- edição de 24 de julho. Rochdale: quatro merceeiros condenados a pagar multas (de dez a vinte *shillings*);

^a Engels recorrerá, nas próximas linhas, às edições do jornal publicadas entre junho e agosto de 1844.

- edição de 27 de julho. Bolton: doze merceeiros e hoteleiros condenados ao pagamento de custas judiciais;
- edição de 3 de agosto. Bolton: três merceeiros condenados a pagar multas (de 2,5 a 5 *shillings*);
- edição de 10 de agosto. Bolton: um merceeiro multado em cinco *shillings*.

As mesmas razões pelas quais os operários são as vítimas principais das fraudes na qualidade explicam que também o sejam no que toca às fraudes relativas à quantidade.

A alimentação habitual de cada operário varia naturalmente em função do salário. Os operários mais bem pagos, em especial os operários fabris, em cuja família todos os membros conseguem ganhar alguma coisa, têm – enquanto essa situação perdura – uma boa alimentação: carne todos os dias e, à noite, toucinho e queijo. Nas famílias que ganham menos, só há carne aos domingos ou, às vezes, em dois ou três dias da semana; em compensação, comem-se mais batata e pão. À medida que descemos na escala salarial, verificamos que a alimentação à base de carne se reduz a alguns pedaços de toucinho misturados à batata; descendo ainda mais, até o toucinho desaparece, permanecendo o queijo, a batata, o pão e o mingau de aveia (*porridge*); quando chegamos aos irlandeses, restam apenas as batatas como único alimento. Geralmente, a comida é acompanhada de um chá ligeiro, mesclado com um pouco de açúcar, leite ou aguardente. Na Inglaterra, e também na Irlanda, o chá é tido como uma bebida tão necessária e indispensável quanto, entre nós, o café – e, na casa onde não se toma chá, reina sempre a mais negra miséria.

Mas tudo isso só é verdade se o operário está empregado; desempregado, fica à mercê da sorte e come o que lhe dão, o que mendiga ou... o que rouba – e se não encontra nada, simplesmente morre de fome, como já dissemos. É fácil compreender que tanto a qualidade como a quantidade da alimentação dependem do salário e que, entre os operários mais mal pagos, em especial entre aqueles que têm uma família numerosa, a fome impera, mesmo em períodos nos quais há empregos. E o contingente de operários mal pagos é enorme. Principalmente em Londres, onde a concorrência entre os operários cresce na proporção direta do crescimento da população, essa categoria – que encontramos em todas as cidades – é imensa. Por isso, aí se recorre a todos os expedientes: cascas de batatas, restos de legumes, ve-

getais apodrecidos¹⁶, tudo serve como alimento, recolhe-se tudo que pode conter um só átomo de substância comestível. Acontece com frequência que, acabando o salário semanal antes do fim da semana, nos últimos dias a família careça de alimentação ou tenha apenas o estritamente necessário para não morrer de fome. É claro que semelhante modo de vida só pode originar toda sorte de doenças; quando as enfermidades chegam, quando o homem – cujo trabalho sustenta a família e cuja atividade física exige mais alimentação e, por conseguinte, é o primeiro a adoecer –, quando esse homem adocece, é então que começa a grande miséria. E é então que se manifesta, agora de forma mais aguda, a brutalidade com a qual a sociedade abandona seus membros justamente quando mais precisam de sua ajuda.

À guisa de conclusão, resumamos os fatos.

As grandes cidades são habitadas principalmente por operários, já que, na melhor das hipóteses, há um burguês para dois, muitas vezes três e, em alguns lugares, quatro operários; esses operários nada possuem e vivem de seu salário, que, na maioria dos casos, garante apenas a sobrevivência cotidiana. A sociedade, inteiramente atomizada, não se preocupa com eles, atribuindo-lhes o encargo de prover suas necessidades e as de suas famílias, mas não lhes oferece os meios para que o façam de modo eficaz e permanente. Qualquer operário, mesmo o melhor, está constantemente exposto ao perigo do desemprego, que equivale a morrer de fome e são muitos os que sucumbem. Por regra geral, as casas dos operários estão mal localizadas, são mal construídas, malconservadas, mal arejadas, úmidas e insalubres; seus habitantes são confinados num espaço mínimo e, na maior parte dos casos, *num único cômodo vive uma família inteira*; o interior das casas é miserável: chega-se mesmo à ausência total dos móveis mais indispensáveis. O vestuário dos operários também é, por regra geral, muitíssimo pobre e, para uma grande maioria, as peças estão esfarrapadas. A comida é frequentemente ruim, muitas vezes imprópria, em muitos casos – pelo menos em certos períodos – insuficiente e, no limite, há mortes por fome. A classe operária das grandes cidades oferece-nos, assim, uma escala de diferentes con-

¹⁶ *Weekly Dispatch*, abril ou maio de 1844, de acordo com um relatório do doutor Southwood Smith acerca das condições dos pobres em Londres. [É provável tratar-se de uma edição de 5 de maio; o doutor Southwood Smith (cf. índice onomástico, p. 367) era bastante conhecido por suas pesquisas sobre as condições da vida dos pobres londrinos, e produziu vários relatórios – no marco de comissões oficiais – entre 1838 e 1840. (N.E.)]

dições de vida: no melhor dos casos, uma existência momentaneamente suportável – para um trabalho duro, um salário razoável, uma habitação decente e uma alimentação passável (do ponto de vista do operário, é evidente, isso é bom e tolerável); no pior dos casos, a miséria extrema – que pode ir da falta de teto à morte pela fome; mas a média está muito mais próxima do pior que do melhor dos casos. E essa escala não se compõe de categorias fixas, que nos permitiriam dizer que esta fração da classe operária vive bem, aquela mal, enquanto as coisas permanecem como estão; ao contrário: se, no conjunto, alguns setores específicos gozam de vantagens sobre outros, a situação dos operários no interior de cada segmento é tão instável que qualquer trabalhador pode ter de percorrer todos os degraus da escala, do modesto conforto à privação extrema, com o risco da morte pela fome – de resto, quase todos os operários ingleses têm algo a dizer sobre notáveis mudanças do acaso. São as causas de tudo isso que agora examinaremos mais de perto.

A CONCORRÊNCIA

Na Introdução, vimos como, desde o início da revolução industrial, a concorrência deu origem ao proletariado: aumentando o salário dos tecelões, pelo crescimento da demanda de tecidos, ela induziu os camponeses-tecelões a abandonar a agricultura e dedicar-se apenas à tecelagem para ganhar mais. Vimos igualmente como o surgimento da grande exploração agrícola expropriou os pequenos camponeses, reduziu-os à condição de proletários e despejou a maioria deles nas cidades. Vimos como grande parte da pequena burguesia foi arruinada e também arremessada às fileiras do proletariado. Vimos como o capital se concentrou em poucas mãos e como a população se aglutinou nas grandes cidades. Por esses meios e modos, a concorrência – manifestando-se em toda a sua plenitude e livremente potenciada na indústria moderna – criou e desenvolveu o proletariado. Examinaremos agora sua influência sobre o proletariado já existente, mas antes precisamos estudar os resultados da concorrência dos trabalhadores entre si.

A concorrência é a expressão mais completa da guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa⁴. Essa guerra, uma guerra pela vida, pela existência, por *tudo* e que, em caso de necessidade, pode ser uma guerra de morte, não se trava apenas entre as diferentes classes da sociedade, mas também entre os diferentes membros dessas classes: cada um constitui um obstáculo para o outro e, por isso, todos procuram eliminar quem quer que se lhes cruze o caminho e tente disputar seu lugar. Os operários concorrem entre si tal como os burgueses. O tecelão que opera um tear

⁴ No original engelsiano, *bürgerliche Gesellschaft*. Marx e Engels utilizaram a expressão tanto para denotar a *sociedade burguesa* como para indicar o que Hegel, na esteira dos ingleses e dos franceses do século XVIII, compreendeu como *sociedade civil*, ou seja, a sociedade tomada em suas relações puramente econômico-civis e, portanto, distinta do Estado, condensação das relações políticas.